



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

THAÍS PEREIRA DA SILVA

**MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO IMATERIAL: reflexos do registro da Festa do
Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha/CE como patrimônio cultural**

Salvador

2020

THAÍS PEREIRA DA SILVA

MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO IMATERIAL: reflexos do registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha/CE como patrimônio cultural

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Museologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sidélia Santos Teixeira.

Salvador

2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Silva, Thais Pereira da
Museologia e patrimônio imaterial: reflexos do registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha/CE como patrimônio cultural / Thais Pereira da Silva. -- Salvador, 2020.
99 f. : il.

Orientadora: Sidélia Santos Teixeira.
Dissertação (Mestrado - Museologia) -- Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2020.

1. Museologia. 2. Patrimônio Cultural. 3. Festa do Pau da Bandeira. 4. Barbalha/ Ceará. I. Teixeira, Sidélia Santos. II. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA
PPGMUSEU - UFBA
Estrada de São Lázaro, 197, Federação, Salvador/Bahia
CEP 40.210-730 Tel. (71) 3283-6445
ppgmuseu@ufba.br

PPGMUSEU

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Às 09:00h do dia 17 de dezembro de 2019, em sessão pública realizada na Sala do Laboratório de Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), teve início a apresentação, defesa e julgamento da dissertação realizada pela mestranda **THAIS PEREIRA DA SILVA**, aluna da Linha I do Mestrado em Museologia – PPGMuseu, desta Universidade. O trabalho, intitulado: “*Museologia e Patrimônio Imaterial: Reflexos do registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antonio em Barbalha/CE como Patrimônio Cultural*”, foi avaliado pela banca composta pela Prof^ª. Dr^ª. Sidélia Santos Teixeira - PPGMuseu/UFBA, orientadora da mestranda, pelo Prof^º. Dr. Carlos Alberto Etchevarne – PPGMuseu/UFBA e pela Prof^ª. Dr^ª. Carla Façanha de Brito – UFCA. Após a abertura dos trabalhos, a mestranda deu início à apresentação de seu trabalho, tendo trinta minutos para a sua explanação. Em seguida, foram iniciadas as arguições dos membros da banca, em tempo estipulado de vinte minutos para cada um, com o mesmo tempo destinado para as respostas da mestranda. Após esta etapa da sessão, a banca reuniu-se em separado para deliberar sobre o resultado da avaliação, divulgando, em seguida, a sua deliberação para a mestranda e público presente, indicando a aprovacao da mestranda. Ao final da sessão foi lavrada esta ata, que após leitura, será assinada pela mestranda, pelos membros da banca e demais presentes. Salvador, 17 de dezembro de 2019.

Thais Pereira da Silva

Mansel Sebastião Alva Filho

Sidélia Santos Teixeira
Carlos Alberto Etchevarne

Carla Façanha de Brito

Dedico este trabalho aos meus pais, que são fonte de inspiração e dedicação! Dedico este trabalho também às pessoas da cidade de Barbalha, que promovem, organizam e fazem a Festa do Pau da Bandeira acontecer, um evento especial no calendário festivo do Cariri!

AGRADECIMENTOS

Grande é a minha lista de agradecimentos. Foram muitas pessoas que me apoiaram e me acompanharam, muitos os percursos importantes antes e ao longo desses mais de dois anos de mestrado, pois todo o apoio e trabalho começaram previamente.

Primeiramente agradeço à Deus pela vida. Sem esquecer das minhas referências, agradeço também ao “Padim Pade Ciço” e à Santo Antônio.

À FAPESB pelo fomento à minha pesquisa, que foi de extrema importância para o andamento dos estudos e para a minha estadia na cidade de Salvador.

Agradeço por toda a minha experiência na cidade de Salvador, por todos os aprendizados na Pós-graduação e por cada amizade que construí ao longo do curso.

Agradeço a todos os entrevistados na pesquisa de campo, por concederem seus relatos, conseqüentemente contribuindo com a pesquisa! Também agradeço a todas as pessoas que fazem essa festa: os organizadores paroquiais da cidade de Barbalha, os colaboradores da Secretaria de Cultura de Barbalha, os carregadores do pau, os vendedores ambulantes de comidas e bebidas, e por fim, os artistas que apresentam suas músicas, danças e cultura, deixando nós “foliões” e/ou devotos de Santo Antônio propensos a retornar nas edições seguintes da Festa.

Aos professores do PPGMuseu por todo o direcionamento, leituras e conhecimentos partilhados. Vocês foram fundamentais em minha chegada na Museologia. Ao professor Dr. Marcelo Cunha por suas excelentes aulas e por toda a atenção que me dispensou quando coordenador do programa, durante o ano de 2016. À professora Dra. Joseania por todos os ensinamentos e dicas na disciplina do tirocínio.

À minha orientadora, Dra. Sidélia Teixeira, por toda paciência e direcionamento, pelas indicações de leituras e correções, por entender e sempre respeitar minhas ideias durante todo o mestrado, por ter acreditado no meu trabalho

e me orientado sempre. Muito obrigada pelo seu empenho e por sempre estar tão presente.

À banca de qualificação pela participação e por todas as contribuições, dicas, correções, direcionamentos e atenção dispensadas. Muito obrigada às professoras Dra. Joseania e Dra. Carla Façanha.

À banca de defesa, composta pelos professores Dr. Carlos Alberto Etchevarne e Dra. Carla Façanha, por terem aceitado o convite e pelas valiosas contribuições ao meu trabalho.

À minha família pelo apoio e incentivo aos meus estudos, pela educação, proteção e carinho desde sempre. À minha mãe, meu pai e meu irmão por confiarem e me apoiarem da seleção até o fim do mestrado, e por tornarem possível a realização deste sonho! Muito obrigada!

Às minhas amigas de graduação, que levo para a vida, obrigada pela amizade, pelas conversas acadêmicas, profissionais e pessoais, por dividir as incertezas, anseios, e os momentos felizes. À Patrícia, Raflesia e Andressa.

Às pessoas que sempre me acolheram na cidade de Salvador, pelo carinho, amizade, atenção e prontidão, em especial à Sandra e a Liv, que me receberam desde a seleção. Obrigada pela amizade, vocês são muito especiais.

À Laís, por dividir o apartamento, as tarefas domésticas, as pizzas de calabresa e as diversas histórias divertidas, além da companhia, amizade e bom humor.

Aos meus colegas do PPGMuseu por todos os bons momentos e por partilhar as dúvidas e incertezas no decorrer do mestrado, em especial ao querido Eduardo, por ter sido muito prestativo sempre que precisei de ajuda e pelas dicas que me concedeu. Cássio, por nos divertir sempre. Ana Luísa, por me abrigar em seu apartamento algumas vezes, e por dividir a fé no “Padim Pade Ciço”. Milena, por também me receber algumas vezes, por toda confiança e amizade. Meire, Manu e Gislaine pelas conversas desde pesquisas até assuntos mais diversos, e aos demais colegas, obrigada!

Aos meus professores da graduação, por sempre incentivarem os alunos a irem cada vez mais longe, por me inspirarem a crescer e sonhar com a área que escolhi e esclarecer dúvidas sobre a pós-graduação. Ao professor Dr. Jhonatas, por ter me aceitado na sua disciplina para a realização do meu tirocínio docente, por tornar a experiência desafiadora e cheia de aprendizado. Para mim, você é um grande exemplo de profissional que desejo seguir. À professora Dra. Gracy Martins, por ter me esclarecido e incentivado tanto a seguir a pós-graduação. Às professoras Dra. Débora, Dra. Ariluci, e Dra. Carla por tratarem de assuntos em suas aulas na graduação que me instigaram tanto a seguir por esta temática.

Por último e não menos importante, à Manoel, agradeço pelo amor e pela paciência durante todo o período em que fiquei distante, e por me ajudar nas últimas correções, por ter me ajudado a encontrar livros importantes para a pesquisa.

A festa

*Estava suave o sol, o ar limpo e o céu sem nuvens.
Afundado na areia, um caldeirão de barro fumegava.
No caminho entre o mar e a boca, os camarões
passavam pelas mãos de Zé Fernando, mestre de
cerimônias, que os banhava em água-benta de sal e
cebolas e alho.*

*Havia bom vinho. Sentados em roda, amigos
Compartilhávamos o vinho e
os camarões e o mar que se abria, livre e luminoso,
aos nossos pés.
Enquanto acontecia, essa alegria estava já sendo
recordada pela memória e sonhada pelo sonho.*

*Ela não terminaria nunca, e nós tampouco, porque
somos todos mortais até o primeiro beijo e o segundo copo,
e qualquer um sabe disso, por menos que saiba.*

Eduardo Galeano – O Livro dos Abraços

SILVA, Thaís Pereira da. museologia e patrimônio imaterial: reflexos do registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha/CE como patrimônio cultural. 2020. Orientadora: Sidélia Santos Teixeira. 99 f. il. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo a “Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio”, que acontece na cidade de Barbalha, interior do Ceará. A investigação se dá através do marco de registro como patrimônio cultural imaterial nacional por meio do IPHAN. A pesquisa aborda o processo histórico e as concepções a respeito da Museologia enquanto área do conhecimento, relacionando-a com o patrimônio cultural, mais precisamente com festa, considera também os conceitos sobre preservação e salvaguarda de bens culturais imateriais. Estabelece como metodologia a pesquisa bibliográfica e descritiva, e de cunho qualitativo. Como instrumento para coleta de dados foi feito o uso de entrevistas, a pesquisa conta com o depoimento de seis pessoas que estão relacionadas a diferentes setores da festividade. Este trabalho tem como objetivo: investigar quais opiniões, perspectivas e mudanças percebidas para a comunidade que produz e participa da Festa do Pau da Bandeira. E tem como objetivos específicos: contextualizar o processo histórico da festa, desde sua criação até os dias atuais, caracterizando a região do Cariri Cearense, local onde ocorre a manifestação do Pau da Bandeira para compreensão teórica do objeto de pesquisa. Os resultados demonstram que algumas recomendações e mecanismos de proteção foram percebidas pelos entrevistados, como por exemplo, a segurança em relação a festa. Outro aspecto percebido foi a visibilidade e repercussão que o registro provocou na comunidade, e como consequência contribuiu com a disseminação da festa em âmbito nacional, e também acarretou com aumento no número de eventos e pesquisas acadêmicas.

Palavras-chave: Museologia Social. Patrimônio Cultural Imaterial. Festa do Pau da Bandeira. Barbalha/ Ceará.

SILVA, Thaís Pereira da. Museology and immaterial heritage: reflections of the patrimonialization in the celebration of the stick of the Flagstick of Santo Antônio in Barbalha – CE. 2020. Thesis advisor: Sidélia Santos Teixeira. 99 s. ill. Dissertation (Master in Museology) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

ABSTRACT

This present research has as its object of study the “*Festa da Pau da Bandeira de Santo Antônio*”, which takes place in the city of Barbalha, in the countryside of Ceará. The investigation takes place through the registration mark as national intangible cultural heritage through IPHAN. The research addresses the historical process and the conceptions about Museology as a field of knowledge, relating it to cultural heritage, more precisely to the festival, it also considers the concepts of preservation and safeguarding of the immaterial cultural assets. It establishes as methodology the bibliographic and descriptive research with qualitative nature. As an instrument for data collection, the use of interviews was made, the research dad collected the testimony of six people who are related to different sectors of the festival. This work aims to: investigate what opinions, perspectives and changes are perceived by the community that produces and participates in the *Festa do Pau da Bandeira*. It has as specific objectives: to contextualize the historical process of the festival, from its creation to the present day, characterizing the region of Cariri Cearense, where the *Pau da Bandeira* manifestation occurs for the theoretical understanding of the research object. The results demonstrate that some recommendations and protection mechanisms were perceived by the interviewees, such as, for example, security in relation to the festival. Another aspect perceived was the visibility and repercussion that the registration caused in the community, and as a consequence contributed to the dissemination of the festival nationwide, and also led to an increase in the number of events and academic research.

Keywords: Museology Social. Cultural Heritage Immaterial. Pau da Bandeira Festival. Barbalha/ Ceará.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

Figura 1 - O Estado do Ceará e suas regiões	44
Figura 2 - Localização da região metropolitana do Cariri	45
Figura 3 – Chapada do Araripe CE	46
Figura 4 - Estátua do Padre Cícero na Colina do Horto	49
Figura 5 - Romeiros em Juazeiro do Norte CE	50
Figura 6 - Museu Vivo do Padre Cícero.....	51
Figura 7 - Ateliê Espedito Seleiro	52
Figura 8 - Imagem de Santo Antônio	54
Figura 9 - A cidade enfeitada.....	58
Figura 10 - Apresentação de reisado e banda cabaçal na rua do vídeo	63
Figura 11 - Carroça com a cachaça do Sr. Vigário	64
Figura 12 - Carregamento do mastro na praça da igreja de Santo Antônio.....	65
Figura 13 - Chegada do andor de Santo Antônio na igreja matriz.....	65
Figura 14 - Movimento Frente de mulheres do Cariri na Festa do Pau da Bandeira	68
Figura 15 - Aplicativo Festa de Santo Antônio.....	69
Tabela 1 - Categorias para análise de conteúdo de entrevistados.....	72

LISTA DE SIGLAS

CNFCP	Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOM	Conselho Internacional de Museus
ICOFOM	Comitê Internacional de Museologia
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MinC	Ministério da Cultura
MUWOP	Museological Working Papers
ONU	Organizações das Nações Unidas
PNPI	Programa Nacional do Patrimônio Imaterial
PPGMuseu	Programa de Pós Graduação em Museologia
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura
URCA	Universidade Regional do Cariri

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1 MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL	23
1.2 Patrimônio cultural, registro e preservação: origens e conceitos	30
1.3 Percurso metodológico	39
2 A FESTA DO PAU DA BANDEIRA NO CARIRI CEARENSE: aspectos históricos e culturais	42
2.1 O Cariri Cearense, mais conhecido como “O oásis do sertão”: sua cultura, tradição e fé	42
2.2 O padroeiro da cidade de Barbalha: Santo Antônio	53
2.3 A celebração da Festa do Pau da Bandeira em Barbalha	55
3 O PATRIMÔNIO CULTURAL NACIONAL E O POVO DE BARBALHA: RELAÇÃO DE DEVOÇÃO E ESTIMA.....	71
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS.....	91
APÊNDICE A – Modelo do roteiro de entrevista	97
ANEXO A – Termo de Autorização de uso de imagens e depoimentos	99

1 INTRODUÇÃO

A primeira ideia a qual recorreremos ao pensarmos sobre o significado de patrimônio é a de um bem de uma pessoa ou família, algo de valor, seja ele simbólico e/ou econômico, e associado à herança, mais precisamente a algo material. Porém, ao ampliarmos a noção de patrimônio, considerando o seu surgimento no contexto da Revolução Francesa, no século XVIII, encontramos outros sentidos para o termo.

Durante a Revolução Francesa, Abreu (2009, p. 35) afirma que “Desenvolveu-se a concepção de bem comum, e, ainda, de que alguns bens formam a riqueza material do conjunto da nação”. A partir dessa nova concepção a respeito do patrimônio, um conjunto de políticas públicas e de instituições foram geradas para preservação desses bens, que passaram a adquirir valores históricos e simbólicos para a nação. Registramos ainda que, na segunda metade do século XX, após os avanços levados a cabo pela sociedade europeia em sua idade moderna, se inicia uma discussão a respeito do patrimônio mais voltada para uma perspectiva antropológica, ou seja, relacionada ao cotidiano das pessoas, a expressões populares e à cultura tradicional.

Ao longo deste trabalho, tratamos sobre as origens e concepções sobre patrimônio a partir da análise de alguns decretos que oficializam a criação de órgãos de preservação e de diversos eventos que contribuíram para as discussões sobre essa temática no Brasil e no mundo. Destacamos os congressos e seminários das Organizações das Nações Unidas (ONU), como, por exemplo, a Convenção para Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (1972), que abordou a ideia do patrimônio como um valor universal e propiciou a discussão a respeito do patrimônio cultural e natural a nível mundial; a Conferência geral sobre a salvaguarda da cultura popular e tradicional (1989), que gerou discussões importantes sobre o patrimônio cultural e as recomendações de salvaguarda.

A ideia de patrimônio cultural, além de contribuir para o pertencimento dos cidadãos com a herança cultural e histórica de determinado local, também remete às práticas e expressões culturais. No dicionário do Patrimônio cultural do Instituto do

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a autora Vianna (2016) define o patrimônio cultural como:

“[...] remete à riqueza simbólica, cosmológica e tecnológica desenvolvida pelas sociedades, e que é transmitida como herança ou legado. Diz respeito aos conjuntos de conhecimentos e realizações de uma sociedade ou comunidade que são acumulados ao longo de sua história e lhe conferem os traços de sua identidade em relação às outras sociedades ou comunidades. A proteção deste patrimônio comum à toda a humanidade – a *diversidade cultural* – é desenvolvida por políticas públicas e instituições específicas em cada Estado-Nação, e por meio de organismos internacionais que promovem convenções, acordos e programas de cooperação internacional para este fim.” (p. 2)

Ao falarmos de modo sumário sobre patrimônio cultural, precisamos abordar algumas considerações de como a Museologia lida com esta questão. Por se tratar de uma ciência que investiga a relação específica do homem com a realidade, teve como marco inicial o estudo dos museus. Com o desenvolvimento da área ao longo das pesquisas, a Museologia abrange sua investigação para o patrimônio como um todo e suas novas concepções.

Por tanto, a Museologia contemporânea perpassa a ideia do patrimônio para além de “pedra e cal”, para além das paredes dos monumentos, e passa a lidar com as novas tipologias de museus e de bens patrimoniais que representam a arte, a cultura, as formas de expressão, a memória e o cotidiano das pessoas.

No Brasil, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cidadania. Criado em 13 de janeiro de 1937, é o órgão mais importante no trato com o patrimônio nacional. O mesmo é responsável por ações e políticas preservacionistas, divulgação e fiscalização dos bens culturais, históricos e artísticos do país.

As formas de salvaguarda e as políticas de preservação patrimoniais no Brasil são: tombo para objetos materiais e registro para o patrimônio imaterial.

Alguns bens imateriais registrados no país pelo IPHAN foram a celebração religiosa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré na cidade de Belém do Pará, em 2004; a expressão musical do Samba de roda do Recôncavo baiano no estado da

Bahia, em 2004; o Ofício das Baianas de Acarajé, em 2005; a Feira de Caruaru, na cidade de Caruaru, no estado do Pernambuco, em 2006.

Nossa pesquisa aborda a questão do Patrimônio Imaterial – A Festa do Pau da Bandeira. Entretanto, neste parágrafo, peço licença para falar em primeira pessoa para explicar como se deu a escolha do tema da pesquisa. O projeto inicial de ingresso no PPGMuseu tinha como título “História e memória: museus e memória no Cariri Cearense”, que compreendia a realização de um mapeamento de todos os espaços memorialísticos da região do Cariri, incluindo as manifestações artísticas, culturais, arqueológicas e religiosas que compõem o cenário histórico e de valor simbólico que representa a região. Em virtude da complexidade do trabalho, este demandou ajustes, a fim de concentrar seu objeto em apenas uma das diversas expressões culturais que a região possui, por questões de tempo e objetividade para a realização da pesquisa. Deste modo, passei a identificar qual destes componentes seria interessante abordar. Inicialmente, partindo do ponto de vista teórico, analisei alguns trabalhos sobre patrimônio imaterial e refleti sobre qual manifestação artística, cultural e/ou religiosa seria importante aprofundar. Mediante a minha identificação com o tema a pesquisa ficou mais evidente quando selecionei uma manifestação cultural da região do Cariri, a Festa do Pau da Bandeira, pois participei da mesma durante todo o período da minha adolescência e início da idade adulta. A possibilidade de trabalhar com essa temática fez aflorar a minha memória afetiva. Além disso, foi constatado que a festa é um patrimônio cultural que representa uma importante expressão artística e cultural da região do Cariri, local onde nasci e morei até ingressar no mestrado.

Por tanto, pretendemos compreender também o que significa festa, perceber que este fenômeno faz parte da dinâmica cultural das sociedades, e que está inserido no âmbito do patrimônio imaterial, e compõe os objetos de estudo da museologia social, pois festa é uma expressão cultural.

Diante do que já foi exposto, o presente trabalho servirá para a comunidade, pois permite a compreensão da festa e considera a participação social, no que se refere à produção e reconhecimento da manifestação cultural do Pau da Bandeira. Além disso, o presente trabalho poderá contribuir para investigações futuras sobre o patrimônio cultural de Barbalha.

A região do Cariri, no interior do estado do Ceará, é conhecida por sua pluralidade cultural e religiosa. O festejo ao padroeiro Santo Antônio, na pequena cidade de Barbalha, destaca-se neste cenário por ser uma festividade reconhecida nacionalmente em 2015 através do registro do IPHAN como um bem patrimonial cultural imaterial nacional. Sobre a Festa do Pau da Bandeira:

Chama atenção por seu mastro, ao mesmo tempo sagrado e profano. O famoso Pau da Bandeira de Santo Antônio – ou simplesmente “Pau”. Na verdade, um mastro eleito pelos homens da cidade; como digno de ser hasteado em nome de todos, dado aos esforços e cuidados investidos pelos implicados, os carregadores do Pau, no processo de ritualização em que um tronco de árvore transforma-se no “pau da bandeira de Santo Antônio”, indo desde a escolha até o transporte ao local onde será hasteado com a sagrada bandeira do Santo, muitos significados envolvem esta prática popular de mais de cem anos. (MARTINS, 2013, p. 11)

A Festa do Pau da Bandeira ocorre todos os anos, em comemoração à Santo Antônio. Inicialmente se realiza o corte de um grande tronco de árvore que pode chegar a pesar aproximadamente duas toneladas, com o intuito de fazê-lo percorrer as principais ruas da cidade. O mastro é carregado por um grupo de homens denominados de “os carregadores do pau”, que realizam um percurso pela cidade até chegar ao seu destino final, a praça em frente à Igreja Matriz, onde ficam o objeto e nele hasteiam a bandeira da cidade, como uma demonstração de fé e devoção. O festejo agregou vários elementos ao longo dos anos e hoje conta com apresentações de grupos de cultura e tradição da região, inclusive musicais, o que contribuiu para que o festejo passasse a ser, além de um fenômeno religioso, também social, atraindo muitas pessoas e, conseqüentemente, aquecendo o comércio local e o turismo, proporcionando maior procura na rede de hotelaria da cidade e a instalação de um grande número de barracas com venda de bebidas e comidas durante o período de festa.

A partir do reconhecimento do patrimônio cultural e das ações em torno dos bens culturais preservados, consideramos esta pesquisa relevante para os estudos da museologia por se tratar de um patrimônio cultural ainda não explorado na perspectiva museológica, que não está apenas voltada para os museus, e sim para heranças como um todo e suas relações. Guarnieri (1990) define essa relação como:

A relação do Homem com o seu meio, seja em termos de mera apreensão da realidade, seja de ação sobre essa mesma realidade, implica em relação humana em termos de consciência, de consciência crítica e histórica, de consciência possível. O homem é o ser que se realiza criticamente, historicamente; ao realizar-se, ele constrói sua História e faz sua Cultura.

Deste modo, as relações do homem com o seu meio são, além de naturais, históricas, culturais etc., e são essas relações que compõem os estudos da Museologia.

Com isso, surge as reflexões: Como a população percebe os impactos causados na festa e na comunidade, através do registro como patrimônio nacional na manifestação do Pau da Bandeira? E como a manifestação reflete a história e a diversidade cultural da região?

A investigação se dá através do marco de registro como patrimônio cultural imaterial nacional por meio do IPHAN. A principal hipótese é a de que o registro da festa como patrimônio permitiu sua valorização e divulgação turística.

Apresenta-se como **objetivo geral** investigar quais opiniões, perspectivas e mudanças são percebidas pela comunidade que produz e participa da Festa do Pau da Bandeira. E como **objetivos específicos**: contextualizar o processo histórico da festa, desde sua criação até os dias atuais, caracterizando a região do Cariri Cearense, local onde ocorre a manifestação do Pau da Bandeira para compreensão teórica do objeto de pesquisa.

Os textos utilizados para a fundamentação teórica foram, em sua maioria, trabalhados nas disciplinas obrigatórias do programa. Os mais importantes foram trabalhados na disciplina de teoria museológica, na qual pude compreender o processo histórico da museologia, desde os primeiros esforços de discussão enquanto teoria até as temáticas abordadas na museologia contemporânea. Tendo em vista o conteúdo teórico da dissertação, os autores utilizados para a construção da mesma são, respectivamente, Matilde Bellaigue (1992), Klaus Schreiner (1990), Peter Van Mensch (1983; 1994), Teresa Scheiner, Myrian Sepúlveda dos Santos, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1990; 2010). E também, ainda a respeito das disciplinas obrigatórias, utilizamos a autora Márcia Scholz de Andrade Kersten (1998), que foi de suma importância para a compreensão dos processos de criação

da instituição do IPHAN. Essa temática foi trabalhada na disciplina “Patrimônio e Poder”.

E ainda, a respeito do patrimônio cultural, nos apoiamos em autores como Funari e Sandra Pelegrini (2008), Regina Abreu (2009; 2014), José Reginaldo Gonçalves (2007), Brayner (2012) e Diana Farjalla Correia Lima (2012), que apresentam reflexões importantes sobre o patrimônio material e imaterial.

As referências utilizadas para compor a seção sobre a região do Cariri foram encontradas em livros e artigos, além de teses e dissertações. Nos baseamos em autores como Roseane Lima Verde (2006; 2015; 2018), que escreveu sobre a região do Cariri e seus aspectos arqueológicos; em Pompeu Sobrinho (1950), Pinheiro (2010) e Araújo (2006), que escreveram sobre o povoamento e os aspectos históricos e culturais da região; e também em Oswaldo Barroso (2014), que escreveu sobre o reisado, um dos fortes elementos da cultura tradicional no Cariri.

Nos apoiamos ainda em algumas indicações de leitura de professores pesquisadores da temática que participaram do processo de inventariado da festa, e que também estiveram presentes no I Simpósio de Patrimônio e Práticas Culturais que ocorreu na cidade de Barbalha, em 2017. Sobre a vida de Santo Antônio, utilizamos o autor Vainfas (2003). Sobre a Festa do Pau da Bandeira, podemos destacar o dossiê de registro feito pelo IPHAN, além do livro Sentidos de Devoção (2013), uma publicação importante sobre o festejo feita por meio da mesma instituição, composto por textos de pesquisadores importantes da região a respeito da festa do Pau da Bandeira.

A autora Soares (2017) contribuiu de forma a compreendermos sobre o Movimento de Frente de Mulheres do Cariri, e como as intervenções dos movimentos sociais foram inseridos na dinâmica da festa.

Buscamos nos embasar a respeito do conceito de Festa em autores como Guarinello (2001), que em seu trabalho “Festa, trabalho e cotidiano” define esse termo, considerando o fato de que ela tem diferentes significados para os diferentes atores da sociedade. Também utilizamos a autora Rita de Cássia Amaral (1998), que propõe um estudo sobre diferentes festas brasileiras, mostrando a pluralidade de sentidos dessas festas. Sua tese de doutorado está inscrita na Antropologia e é

intitulado “Festa à Brasileira significados de festejar, no país que ‘não é sério’”. Ainda fizemos uso do Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira, que foi elaborado pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) em parceria com o MinC, por conter definições de várias terminologias a respeito da cultura popular brasileira.

Também consideramos o conteúdo das palestras do I Simpósio Patrimônio e Práticas Culturais: a festa de Santo Antônio em Barbalha, realizado pela Escola de Saberes de Barbalha, entre os dias 1 a 4 de junho de 2017. Esse evento teve contribuição direta na construção do trabalho, por tratar de vários assuntos importantes, como o processo histórico, a simbologia, os relatos de experiência sobre educação patrimonial, a salvaguarda e a vertente da ecologia.

O Seminário de Investigação em Sociomuseologia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em parceria com o Programa de Pós-Graduação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT)/Portugal nos dias 9 a 11 de agosto de 2017, também nos proporcionou reflexões, principalmente nos conteúdos abordados na mesa de abertura sobre Museologia Social com o professor Dr. Mario Moutinho, a professora Dra. Maria Célia Santos e o professor Dr. Mario de Souza Chagas. Na sequência do evento, ocorreram sessões destinadas a apresentações das pesquisas em andamento dos alunos de Mestrado da UFBA e do Doutorado da ULHT. Na apresentação da minha pesquisa, sucederam algumas considerações em relação à metodologia, e detalhamento sobre a festa.

A estrutura do trabalho está dividida em três capítulos, da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta uma discussão teórica e metodológica, isto é, aborda conceitos importantes para a fundamentação da pesquisa. Assim, trata de alguns aspectos da Museologia, patrimônio cultural, registro e salvaguarda. Nele também está apresentado os procedimentos metodológicos, bem como o método, o tipo e as técnicas utilizadas na pesquisa.

O segundo capítulo trata do contexto histórico e cultural da festa, de forma a contextualizar o objeto em estudo, abordando, inicialmente, a história e as tradições

artísticas e culturais da região do Cariri. Em seguida, trata da vida de Santo Antônio e dos elementos do festejo.

No terceiro estão as análises dos dados coletados através de entrevistas, estas últimas elaboradas com o objetivo de responder aos questionamentos da pesquisa.

E, por último, as considerações finais, na qual trazemos uma síntese do que foi observado, coletado e interpretado na pesquisa, e como este trabalho pode contribuir para a área da Museologia e patrimônio cultural, assim como para a região do Cariri.

1 MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

Neste primeiro capítulo, abordaremos alguns aspectos da teoria museológica, remontando sumariamente ao período denominado como 'época das coleções e dos antiquários', a fim de compreender como se configurou os primeiros interesses em relação à proteção de artefatos do passado e obras artísticas. Enfatizamos a abordagem sobre a museologia como teoria a partir da década de 40, ainda no século XX, em âmbito internacional, mas especialmente na Europa ocidental, onde começaram as primeiras considerações sobre museologia. Em seguida, discutiremos um pouco sobre a América Latina e, principalmente, sobre o Brasil. A proposta é ordenar as reflexões que permeiam a museologia enquanto teoria, além da origem e concepções de patrimônio, procurando demonstrar sua relação com o patrimônio cultural imaterial, visto que, por meio da Museologia, enquanto disciplina que se ocupa do patrimônio, pode-se estudar um patrimônio imaterial, pois este trabalho analisa uma festa popular e necessita de embasamento teórico a respeito da teoria que estuda o patrimônio cultural.

Iniciamos o nosso sobrevoo histórico pela Idade Média, era na qual já é possível encontrar os primeiros detentores de coleções e tesouros. Nessa época, no entanto, os tesouros ainda não eram expostos. Sobre o termo 'coleções', após a Idade Média, Pomian (1984) nos diz que:

Qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para este fim, e exposto ao olhar do público. (p.53)

Com isso, nessas coleções era possível encontrar obras de arte, relíquias e objetos que eram considerados sagrados. Estes bens eram reunidos e acumulados por quem na época detinha um expressivo poder social, ou seja, a monarquia e a Igreja Católica. Pomian (Op. Cit., p. 78), ainda tratando a respeito desse período da história, afirma que: "Dois grupos, o clero e os detentores do poder, monopolizavam

os semióforos, controlavam o acesso da população a estes, e serviam-se deles para afirmar a sua posição dominante". Essas coleções também serviam para demonstrar o prestígio, a notoriedade e a distinção de uma pequeníssima parcela da população.

Até meados do Renascimento começaram a surgir os primeiros processos de reconhecimento e fruição de edifícios, objetos e memórias de diferentes nacionalidade e culturas. Nunes (2016), sobre este período, expõe que: "[...] designado como período dos 'tesouros', consistiu tanto na identificação, como algo raro e valioso, como na salvaguarda e incorporação de vestígios de culturas exóticas na simbologia das elites dominantes." Adquiridos esses objetos, as elites os exibiam apenas em ocasiões consideradas importantes e simbólicas, como forma de reforçar um prestígio mediante a sua posse. Os interesses dos homens eruditos da época estavam voltados para os valores considerados clássicos, ou seja, por "informações" e vestígios da cultura grega e romana. A partir dessa necessidade em reunir tais pertences surgem os chamados 'antiquários', expressão designada para se referir a pessoas que se dedicam a estudar, colecionar ou até mesmo comercializar artefatos da antiguidade. Choay (2006) definiu este período como "o período dos antiquários", e discorre que:

Eruditos e colecionadores, os antiquários acumulavam em seus gabinetes não apenas medalhas e outros "fragmentos" do passado, como se dizia então, mas também, sob forma de "compilações" e de "portifólios", verdadeiros "dossiês", com descrições e representações, figuradas da antiguidade. (p. 65)

Ainda no mesmo período e até os primeiros modelos das sociedades contemporâneas ocidentais, os eruditos, juntamente com as elites, passaram a divulgar essas informações e vestígios acerca das culturas da antiguidade de forma sistematizada, formando-se assim os chamados gabinetes de curiosidades, que seriam "[...] conjuntos de objetos valiosos – porque raros e representativos – que ilustravam e credibilizavam discursos de reconstituição, interpretação e valoração acerca das realidades de origem" (NUNES, 2016). Este empenho na posse e preservação dessas coleções funcionava como mecanismo de valorização e prestígio, e se manifestava por meio da posse e ostentação de edificações e objetos,

contribuindo, assim, para as primeiras criações de museus, que expressavam os valores clássicos.

A Museologia é um campo recente. Discussões sobre a área passaram a ter maior divulgação com a instauração de um dos comitês do Conselho Internacional de Museus (ICOM), fundado em 1946, que possibilitou, anos mais tarde, a criação do Comitê Internacional da Museologia (ICOFOM), que objetivava pesquisas e debates com uma abordagem mais ampla do que seria Museologia. Sobre isso, a autora Cerávolo (2004) discorre que:

A museologia como conjunto de princípios, afluído no decorrer dos anos 1980, passou a ser sistematizada a partir da reunião de pessoas interessadas em discuti-la, situação essa facilitada ou mesmo possibilitada pela implantação do Icofom, uma iniciativa do tcheco Jan Jelinek. (p. 238)

A temática discutida nesse comitê possibilitou algumas publicações importantes como, por exemplo, o *Museological Working Papers (MuWop)* e a edição de um "Tratado de Museologia" que tinha como objetivo uma divisão no pensamento museológico, "[...] não apenas pelo seu conteúdo, mas também pela importância da iniciativa e sua contribuição para o desenvolvimento geral da Museologia" (Stransky, 1990, p. 79). Essas discussões foram construindo questionamentos importantes como, "o que é museologia?", "qual o objeto de estudo da Museologia?" e "quais os aspectos da Museologia Tradicional e da Nova Museologia?" Pretendemos abordar alguns desses questionamentos. Desta forma, para compreender a teoria museológica, é preciso conhecer o seu objeto de estudo.

O termo Museologia é facilmente associado ao campo de atuação museológica, ou seja, o museu. Schreiner (1990) trata da Museologia como uma disciplina que lida com leis, estruturas e métodos acerca da aquisição, preservação, descrição, pesquisa e exibição de objetos que são testemunhos da natureza e da sociedade como fontes primárias de conhecimento em que se cria a base para o trabalho no museu. Portanto, o museu tem como propósito exibir e preservar testemunhos culturais. Para Guarnieri o objeto da museologia "[...] é a relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor -, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir" (1981, p. 123). Nessa perspectiva, a musealização dos testemunhos da humanidade, e do seu meio, seja ele artístico,

simbólico, cultural ou urbano, precisam ser significativos. Nesse sentido, o museu permite a leitura do mundo através desses objetos ou obras.

Essa relação entre ser humano e objeto deve ser considerada a partir de algumas questões como a percepção e envolvimento do sujeito, e o próprio objeto musealizado, pois este é o testemunho do ser humano dentro do espaço do museu servindo como um agente de troca museológica.

Como denominado na literatura, a Museologia Tradicional aborda em sua primeira fase de discussão a museologia no âmbito teórico dos museus, e tem como objetivo “o estudo dos museus”. No Seminário Internacional de Museus Regionais, realizado na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1958, a museologia foi definida como uma área do conhecimento que tem por objetivo a organização de museus. O autor Mensch (1994, p.4) afirma que em 1972, o ICOM elaborou uma definição, conceituando como “[...] o estudo da história e trajetória dos museus, seu papel na sociedade, seus métodos específicos de pesquisa, conservação, educação e organização, seu relacionamento com o ambiente físico e a classificação dos diferentes tipos de museus”. Considerando a museologia enquanto área do conhecimento, pode-se afirmar que é uma área interdisciplinar e independente. Diante disso, os autores Mensch, Pow e Schouten (1990, p.57) afirmam que a museologia interpreta a relação do homem com o seu meio, sua posição no espaço e no tempo, especificando sua herança cultural e as identidades de diferentes grupos, levando em consideração “[...] as várias abordagens de campos científicos específicos (antropologia, história social e natural, história da arte, etc.)”. O ser humano possui diversas formas de interação, sejam elas expressas socialmente através da arte, da história etc. A museologia busca conduzir essas expressões e heranças através dos objetos musealizados, ou seja, do patrimônio cultural de cada povo.

Aqui serão abordados os conceitos da chamada Nova Museologia, terminologia utilizada e amplamente difundida em meados dos anos 80, através de teóricos da área. Estes traziam uma nova abordagem, sendo importante destacar alguns documentos importantes, tais como a Declaração de Santiago do Chile, em 1972, que apresentou o que os teóricos e profissionais da área refletiam a respeito da vocação do museu, e o expondo com um foco na abordagem social, ou seja,

dando ênfase nas questões sociais e como o patrimônio pode se relacionar e contribuir com tais demandas sociais; Declaração de Quebec, em 1984, que declarou como objetivo que a Nova Museologia utilizasse da interdisciplinaridade e de métodos contemporâneos de comunicação para a integração social; Declaração de Caracas, em 1992, que, por sua vez, apresentou questões e possíveis soluções frente aos museus.

Os temas abordados por essa fase da museologia, iniciada no final da década de 1960, mais especificamente com esses documentos, diferem do modelo tradicional de práticas museológicas europeias, pois promovem uma perspectiva mais voltada para a América Latina e suas diferentes tipologias de museus e instituições que lidam com o patrimônio nas suas diversas abordagens. Refletindo a relação entre Museologia e museu, Cury (2005), sobre essa nova perspectiva, relata que:

Nesse modelo, o público é agente das ações de preservação e comunicação patrimonial e o processo é tomado como educacional, por ser transformador. Enquanto modelo inovador, a nova museologia trouxe várias contribuições e, sobretudo, agregou valores ao embate sobre a “crise dos museus” na medida que se propõe ao enfrentamento entre os bens culturais e o público em todas as suas possibilidades e potencialidades. (p.63)

Os aspectos da corrente teórica da nova museologia são mais amplos no que se refere aos novos tipos de museus e objetos, e no seu potencial em relação a transformação social que os bens patrimoniais culturais, materiais e naturais proporcionam ao ser humano. Desse modo, Bellaigue (1992):

A museologia tem seu laboratório: o museu. Laboratório, por sua vez, tem seu material de experimentação: o real. Ora, o real, é representado no museu pelo objeto. Tem que considerar-se aqui o objeto em seu sentido mais amplo: ele material ou imaterial, natural ou cultural.

Desse modo, oposta à corrente teórica denominada como museologia tradicional, voltada para os modelos e práticas clássicas de museus, a nova museologia lida também com as novas tipologias de museus como “[...] ecomuseus,

dos museus de sociedade, dos centros de cultura científica e técnica e, de maneira geral, da maior parte das novas proposições que visavam à utilização do patrimônio em benefício do desenvolvimento local" (ICOM, 2013, p.63). Esse novo modelo contempla o papel político e social que os museus devem exercer. Cury (2005) diz que:

Com a nova museologia, o fato museal permanece, mas a forma de analisá-lo mudou. Deslocou-se definitivamente o foco de análise do museu para o cotidiano das pessoas. E a museologia e o museu participam sendo eles mesmos mediadores do processo de significação do patrimônio.

Desta forma, o foco, que até então era pautado em apenas desenvolver atividades museais e seus objetos em um sentido mais restrito, muda. A corrente teórica da Nova Museologia passa a ampliar suas análises para o cotidiano do ser humano, ganhando um viés antropológico, ou seja, considerando as heranças culturais e seus bens, que não se restringiam apenas aos objetos e edificações, mas também as diversas formas de saber, tais como a oralidade, a dança, a música, os festejos, a interação social, a religiosidade, dentre outras. Corroborando com isso, Cerávolo (Op. Cit.) reflete que:

Mas há ainda uma outra tendência como a conceitualização na medida em que se trabalha com tema (s); a ampliação do objeto museológico atrelado à noção expandida de Patrimônio e influenciada por estudos desenvolvidos pela Antropologia com respeito à Cultura. (p. 247)

Nesse viés, considera-se que muitos dos patrimônios de diversos povos se concentravam em maior parte na sua cultura, arte, modos de fazer, modos de se expressar e que iam além de monumentos de "pedra e cal", ou seja, estruturas físicas, bem como esculturas artísticas, casas, palácios e monumentos herdados da época da colonização com seus modelos europeus. Cury (Op. Cit.) expõe que:

A museologia, há décadas, deslocou o seu objeto de estudo dos museus e das coleções para o universo das relações, como: a relação do homem e a realidade; do homem e do objeto no museu; do homem e do patrimônio

musealizado; do homem com o homem, relação mediada pelo objeto. (p. 29-30)

Segundo a autora, este objeto se estende ao que consideramos intangível, ou seja, o patrimônio imaterial, pois, considerando estas diversidades como patrimônio, a museologia se envereda por estes estudos, incluindo o patrimônio imaterial, a fim de abranger suas análises. Essa inclusão de bens imateriais e culturais, questionada a partir dessa nova corrente teórica na museologia, acaba por perceber que a pluralidade de manifestações artísticas e culturais faz parte da construção identitária das diversas nações, considerando-as como "objetos" que remetem a memória e ao cotidiano das pessoas. Com isso, a autora Cerávolo (Op. Cit.) acrescenta:

“[...] a grande tendência, se podemos chamá-la assim, foi a de tirar os museus do confinamento das famosas "quatro paredes" que até então lhe davam forma. Fervilhavam, portanto, muitas alterações no plano das ideias e da ação, embora não atingissem todas as instituições. As tendências observadas, geradas antes dos anos 1980, precisavam de terreno propício para se instalar, e esse terreno não era qualquer um. Algumas necessitavam de estruturas organizacionais complexas e sofisticadas, outras dependia de verbas generosas, de pessoal técnico e preparado ou da composição de pessoal de museu com profissionais de outras áreas associados por sua vez a grupos comunitários interessados, e assim por diante. Havia museus preocupados com artefatos e espécimes naturais, mas também aqueles preocupados com um sentido amplo de herança cultural e natural.” (p. 247)

Os estudos teóricos museológicos passam a expandir suas formas de analisar o patrimônio de forma mais ampla. Nesse sentido, podemos definir a partir do pensamento dos teóricos da nova museologia o patrimônio como algo que está relacionado a bens de valor, mas para além dos bens materiais, o patrimônio possui diferentes categorias, inclusive os bens culturais imateriais.

Para tanto, a Convenção da UNESCO (2003) no art. 2, define o patrimônio cultural e imaterial sendo:

“[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um

sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.”

Com isso, o objeto de estudo em questão possui ligação da interação social com o patrimônio, pautado numa corrente teórica que lida com o patrimônio imaterial. Partindo dessa compreensão, o próximo tópico se refere aos pressupostos teóricos do patrimônio, da cultura e, ainda, sobre quais são os meios de salvaguarda e preservação do patrimônio cultural.

1.2 Patrimônio cultural, registro e preservação: origens e conceitos

Neste tópico, procuraremos refletir sobre o patrimônio cultural, enfatizando a importância da preservação dos bens culturais imateriais. Além disso, discutiremos sobre os principais instrumentos de proteção patrimonial no Brasil.

Ao refletir sobre o significado da palavra patrimônio, o primeiro conceito que surge é “[...] o conjunto de bens reunidos pela sucessão: bens que descendem, segundo as leis, dos pais e mães aos seus filhos ou bens de família, assim definidos em oposição aos bens adquiridos.” (Desvallées; Mairese, 2013, p.73) O que é herdado com valor monetário ou afetivo.

As noções e discussões sobre o termo patrimônio passaram por diversos campos de estudo e perspectivas. Requalificada por vários adjetivos (artístico, cultural, histórico, arquitetônico, natural, imaterial...) possuiu diversos conceitos (CHOAY, 2006).

O patrimônio surge em um contexto associado ao patriarcalismo, centralizado no particular e no aristocrático, relacionado a bens de valor. Nesse sentido, o patrimônio alcança um valor simbólico através da religião ainda na Idade Média, mas com um caráter aristocrático. Desta forma:

O culto aos santos e à valorização das relíquias deram às pessoas comuns um sentido de patrimônio muito próprio e que, como veremos, de certa forma permanece entre nós: a valorização tanto dos lugares e objeto como dos rituais coletivos. Essas leituras e interpretações populares não deixavam de se ligar às concepções aristocráticas, mas, de certo modo, fugiam do seu controle. A reação

das elites não tardaria, e veio com a monumentalização das igrejas e a criação das catedrais [...] a catedral era um patrimônio coletivo, mas aristocrático. (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p.11-12)

A partir da criação dos estados-nações e da Revolução Francesa, surge uma nova concepção de patrimônio, não se restringindo apenas ao privado, mas como um bem público. Estabelece-se, assim, a preservação dos monumentos históricos de forma institucional. Se na antiguidade o patrimônio trazia a ideia de propriedade, na modernidade ele passa a ter uma conotação de um bem comum coletivo. Sobre isso, Choay (Op. Cit.) argumenta que:

"[...] na França em revolução, a postura da reação assume outra dimensão e outro significado, político. Ela agora não visa apenas à conservação das igrejas medievais, mas, em sua riqueza e diversidade, à totalidade do patrimônio nacional." (p. 97)

A Revolução Industrial, ocasionando mudanças no estilo de vida e de produção da Europa, tanto no meio urbano como no meio rural, bem como uma considerável degradação do meio ambiente, contribuiu para valorização do monumento histórico. Passa-se a privilegiar os valores estéticos, favorecendo a conservação desses bens. Assim:

A década de 1820 marca a afirmação de uma mentalidade que rompe com a dos antiquários e com a política da Revolução Francesa. Já na década de 1850, apesar do descompasso de sua industrialização, a maioria dos países europeus, consagrou o monumento histórico." (CHOAY, Op. Cit., p.127)

O início do século XX é marcado pelas guerras e suas consequências, estas últimas maiores com a Segunda Guerra Mundial. Esses eventos fazem emergir a necessidade de uma intervenção protetivas dos bens patrimoniais por meio de políticas de preservação, cultura e educação. Assim, a partir da Conferência das Nações Unidas, após o fim da Segunda Guerra, é debatida a criação de um órgão que atue nessa questão. Dessa conferência surge a Constituição da Organização

das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Este órgão tem como objetivo o seguinte:

Fazer avançar, através das relações educacionais, científicas e culturais entre os povos do mundo, os objetivos da paz internacional, e do bem-estar comum da humanidade, para os quais foi estabelecida a Organização das Nações Unidas, e que são proclamados em sua Carta. (CONSTITUIÇÃO DA UNESCO, 1945).

A partir da criação da UNESCO, tornam-se mais objetivas as ações e políticas relacionadas à preservação e salvaguarda dos bens, através de uma cultura de paz, principalmente na Europa, em consequência dos desastres causados pelas guerras. Choay (Op. Cit., p. 99) expõe que: "[...] depois da Segunda Guerra Mundial, as arquiteturas dos séculos XIX e XX foram progressivamente integradas à categoria de monumentos históricos". Até então, as políticas e medidas preservacionistas de reconhecimento e de documentação do patrimônio compreendiam os testemunhos históricos, principalmente os monumentos, as igrejas católicas, e arquiteturas coloniais de influência europeia. Nesse sentido, Lima (2012) aborda a respeito da conservação e manutenção dos bens reconhecidos como patrimônio após a Revolução Francesa como:

A Patrimonialização, assim, configurou-se como ato que incorpora à dimensão social o discurso da necessidade do estatuto da Preservação. Conservação a ser praticada por instância tutelar, portanto, dotada de responsabilidade (competência) para custodiar os bens. E conservar, conceito que sustenta o Patrimônio, consiste em proteger o bem de qualquer efeito danoso, natural ou intencional, com intuito não só de mantê-lo no presente, como de permitir sua existência no futuro, ou seja, preservar. E a palavra salvaguarda, tão usada pelas entidades competentes nos seus documentos normativos, exprime, adequadamente, o pensamento e a ação que aplicam. (p. 34)

A prática de conservação ou, mais precisamente, de salvaguarda dos bens patrimoniais passa a receber mais esforços após a Segunda Guerra Mundial, devido ao grande número de destruição nos países atingidos e, com isso, uma série de regulamentos e iniciativas a nível internacional de forma legal se sucederam na contribuição da salvaguarda de bens culturais e naturais. Essas duas categorias

ganharam mais atenção, visto que o valor histórico e simbólico do patrimônio adquiriu um sentido de “valor excepcional universal”, passando a ser disponível para toda a humanidade. Com isso, foi criada a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, em 1972, realizada pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Nesse contexto, foi criada a noção de patrimônio da humanidade.

A Conferência realizada em 1972 considerava dois artigos para proteção dos seguintes bens patrimoniais: cultural e natural. O art. 1 considerava o patrimônio cultural como os monumentos, os conjuntos e locais de interesse, todos esses de natureza arquitetônica, monumentos e obras artísticas, ou seja, patrimônios materiais. Até então as discussões a respeito do patrimônio cultural eram em torno do material. O art. 2 considerava, por sua vez, o patrimônio natural: as formações geológicas e fisiográficas, zonas de habitat de animais e vegetação ameaçados, zonas naturais delimitadas que compõem valor universal excepcional.

A partir da criação da UNESCO como órgão internacional, foi elaborada a recomendação aos seus estados-membros. Na 31ª Conferência Geral sobre a Salvaguarda da Cultura Popular e Tradicional, no ano 1989, na cidade de Paris, foram dados os primeiros passos em relação ao que se considera o reconhecimento e salvaguarda dos bens imateriais que também fazem parte da memória dos povos. A respeito da conferência, Abreu (2014) afirma que:

É fundamental assinalar que esta Recomendação, bem como todo o movimento de valorização da diversidade cultural e particularmente das expressões intangíveis das culturas,[...] foi o resultado do posicionamento de movimentos sociais, organizações não governamentais, militantes e de representantes de países do chamado Bloco Sul, ou seja, dos países considerados emergentes ou “em vias de desenvolvimento”, incluindo a América do Sul, a África, países do Oriente. (p. 17)

Nesse ponto, é importante destacar, como a autora menciona, que os movimentos e organizações tiveram um papel fundamental na necessidade de reconhecimento a nível legal dos seus bens culturais e imateriais, que fazem parte do cotidiano e de identidade de diversas nacionalidades.

Nesse mesmo viés, aconteceu, no ano de 2003, a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO, considerando que essas formas de expressão artística e cultural fossem identificadas, registradas, a fim de

promover um reconhecimento e valorização a partir de políticas públicas, para as gerações futuras. Para Abreu (2014) a convenção resultou:

Em suma, a Convenção do Patrimônio Imaterial de 2003 foi o resultado de muitos debates e ações no sentido de abranger outras formas de patrimonialização e, portanto, de preservação de manifestações e expressões culturais consideradas “vivas”, dinâmicas e pouco palpáveis como festas, rituais, lugares e saberes. (p.18)

Essa convenção basicamente consolidou o conceito de patrimônio intangível e considerou a preocupação na manutenção e reconhecimento desses bens considerados intangíveis. Por não serem bens de natureza material e estática podem haver transformações, podendo ao longo do tempo adquirir outros elementos devido à dinamização desse tipo de patrimônio. O art. 2 da Convenção (2003) define o patrimônio cultural e imaterial como:

“[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.”

No Brasil, é importante mencionar as instituições e os marcos legais a respeito do patrimônio cultural imaterial. O primeiro marco importante que é preciso destacar é o decreto de nº 25 de 1937 que criou o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Este órgão deriva de um importante movimento que ocorreu nos anos de 1920. O Movimento Modernista, criado por um grupo de intelectuais e artistas teve grande influência no país e na construção de pensamentos e políticas voltadas para o patrimônio nacional. Esse movimento buscava repensar o país e a identidade do povo brasileiro. O movimento levava em consideração que no Brasil, devido a sua grande diversidade cultural, artística, étnica, territorial, climática e a grande incorporação de vários grupos sociais na sua

formação civilizatória, se fazia necessária a divulgação, reconhecimento e principalmente a preservação de sua cultura, abrangendo para todas as camadas da sociedade.

O SPHAN definia que o patrimônio histórico e artístico nacional é constituído por: “bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico” (Brasil, 1937). Dessa forma, o recurso do tombamento foi instituído com o objetivo de proteger os bens patrimoniais proibindo a destruição dos mesmos. A divisão das categorias dos bens foi feita a partir da criação de quatro livros que compõem o instrumento de tombamento, a saber: Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Livro do Tombo Histórico; Livro do Tombo de Belas-Artes; Livro do Tombo das Artes Aplicadas (Brasil, 1937).

Hoje, denominado de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o órgão passou por diversas mudanças no seu plano original, criado com grande influência e contribuição de Mário de Andrade. Atualmente o IPHAN está vinculado ao Ministério do Turismo e tem como missão “[...] proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras” (IPHAN, 2019). Portanto, este importante órgão federal agregou, ao longo do tempo, importantes decretos que visam à promoção e preservação do patrimônio material, imaterial e natural do país. No que se refere ao patrimônio imaterial, destacamos alguns marcos que cuidam desta temática.

Os artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988 tratam dos bens culturais do país, registrando que o Estado deve garantir o direito e acesso às fontes de cultura, o incentivo, a valorização e a difusão das manifestações culturais, estabelecendo um Plano Nacional de Cultura. Aborda também que:

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

§ 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:

I - defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;

II - produção, promoção e difusão de bens culturais;

III - formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões;

IV - democratização do acesso aos bens de cultura;

V - valorização da diversidade étnica e regional. (BRASIL, 1988)

O artigo 216 é mais específico quanto à ampliação da noção de patrimônio cultural, quando reconhece esses bens culturais que remetem à identidade e à memória dos diversos segmentos da sociedade, considerando as formas de expressão, produções artísticas, científicas e tecnológicas, bem como os bens materiais em suas diversas formas. E ainda:

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. (BRASIL, 1988)

O decreto de 3.551/2000, que instituiu o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI) no país, propõe uma Política Nacional de Inventário, Registro e Salvaguarda desses bens, contribuindo para a preservação e divulgação do patrimônio imaterial nacional. Para tanto, estabelece categorias específicas para cada tipologia dos bens através dos livros de registro, a saber: o livro de registro dos saberes; livro de registro das celebrações; livro de registro das formas de expressão;

e o livro de registro dos lugares. Gonçalves (2007), na sua obra “O patrimônio como categoria de pensamento”, menciona alguns bens que fazem parte desta seleção para o processo de estudo e reconhecimento, de acordo com as categorias apresentadas nos livros de registro. Neste sentido:

Nessa nova categoria estão lugares, festa, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária, técnicas etc. Como sugere o próprio termo, a ênfase recai menos nos aspectos materiais e mais nos aspectos ideais e valorativos dessas formas de vidas. Diferente das concepções tradicionais, não se propõe o tombamento dos bens listados nesse patrimônio. A proposta existe no sentido de registrar essas práticas e representações e acompanhá-las para verificar sua permanência e suas transformações. (Gonçalves, 2007, p. 111)

Quando um bem é inscrito em algum dos livros que compõe o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, passa a ser reconhecido oficialmente como patrimônio nacional. Segundo a autora Brayner (2012), este processo é composto para:

A inscrição de bens nos Livros de Registro do Iphan contribui, portanto, para o reconhecimento e a valorização do papel de uma determinada manifestação cultural na formação da cultura brasileira. Esse ato contribui também para estimular o envolvimento da sociedade na tarefa de preservar esses bens, e para criar condições para um apoio efetivo na sua salvaguarda por parte de instituições públicas e privadas, em nível federal, estadual e municipal, de organismos internacionais e, sobretudo, de cada cidadão. (p. 24)

A partir dos artigos e do decreto acima mencionados, podemos refletir sobre o processo de registro do patrimônio cultural imaterial na perspectiva do órgão oficial de preservação no Brasil - IPHAN e sua importância. O registro do patrimônio imaterial foi instituído depois da criação do órgão que, até então, cuidava dos bens materiais a partir da perspectiva de tombamento. Com a ampliação dos processos para registro de bens imateriais, o registro foi também instituído para essa finalidade. A autora Brayner (2012), na publicação promovida pelo IPHAN e intitulada “Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais”, mostra como o registro apresenta mecanismos que contribuem na preservação dos bens:

Os bens culturais registrados são necessariamente inventariados, documentados e estudados. Esses estudos ajudam a identificar quais

problemas ameaçam a continuidade da existência desses bens e também de que forma sua produção, circulação e valorização podem contribuir para melhorar a vida das pessoas que com eles se identificam. (p. 28)

Diferente do que acontece com os bens materiais, que são tombados e não podem sofrer modificações, pois precisam ser conservados, os bens imateriais estão em constante processo de transformação. Entretanto, o patrimônio cultural imaterial precisa ser registrado e estudado, a fim de registrar uma memória. Dessa forma, considera Gonçalves (2007):

“[...] é possível, sim, preservar, por meio do registro e do acompanhamento de sua existência social, lugares, objetos, festas, conhecimentos culinários, etc. É nessa direção que caminha a noção recente de “patrimônio intangível”, nos recentes discursos brasileiros do patrimônio.” (p. 113)

Essas ações e políticas de salvaguarda são aplicadas através de instrumentos que possibilitam o reconhecimento e a visibilidade do patrimônio.

A preservação do patrimônio pode ser definida como a conservação de bens materiais e/ou imateriais de valores culturais e históricos para a sociedade. Desta forma, a preservação das manifestações culturais é necessária a fim de que a herança patrimonial de uma sociedade não seja levada ao esquecimento, juntamente com suas expressões culturais. Neste sentido, Bruno (2010) fala sobre a preservação:

Uma análise, superficial que seja nos ensina que a caracterização da identidade está diretamente ligada à herança e ao patrimônio cultural. Mais exatamente, a identidade está ligada ao conhecimento, à consciência da herança (aquilo que recebemos) e do patrimônio cultural (o conjunto de bens que se preservam e o conjunto de bens que se realizam que se constroem no presente), o que supõe, necessariamente, sua preservação e sua comunicação. (p. 179)

Algumas recomendações para a salvaguarda dos bens patrimoniais imateriais como, por exemplo, a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO, realizada em Paris (2003), propõe que:

Reconhecendo que os processos de globalização e de transformação social, ao mesmo tempo em que criam condições propícias para um diálogo renovado entre as comunidades, geram também, da mesma forma que o fenômeno da intolerância, graves riscos de deterioração, desaparecimento e destruição do patrimônio cultural imaterial, devido em particular à falta de meios para sua salvaguarda, consciente da vontade universal e da preocupação comum de salvaguardar o patrimônio cultural imaterial da humanidade.

Nesta perspectiva, a Festa do Pau da Bandeira, desde a sua criação, apresentou algumas mudanças. Por se tratar de um patrimônio de natureza intangível, adquiriu novos aspectos, sem, porém, perder a sua essência religiosa, que se caracteriza, sobretudo, pela fé dos devotos de Santo Antônio. Esta marca de religiosidade permaneceu.

1.3 Percorso metodológico

Assim, considerando as discussões sobre Museologia e Patrimônio Imaterial e a importância dos trabalhos nessa área, com as populações que produzem esses bens culturais, conforme demonstrado nos itens anteriores, foi adotado para a presente pesquisa uma abordagem qualitativa que privilegia, segundo Minayo (2016, p.20) “[...] o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.” A abordagem qualitativa visa também compreender e refletir a respeito das respostas obtidas na coleta de dados, proporcionando, ainda, a descrição das características da população investigada. O caráter de trabalho descritivo também faz parte da presente pesquisa. Nesse sentido, Gil (2014, p.28) caracteriza a pesquisa descritiva como: “[...] pesquisas que tem por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população.” Dessa forma, a escolha do método se faz por ser o mais apropriado para compreender o ponto de vista e opiniões da população de Barbalha em relação aos efeitos do registro do IPHAN.

A pesquisa também é de natureza bibliográfica. Nesse aspecto, trabalhamos com livros, capítulo de livro, dossiê temático, artigos acadêmicos e teses. Sobre a pesquisa bibliográfica, tem como finalidade: “[...] colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto,

inclusive conferencias seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.” (Marconi e Lakatos, 2003, p. 183).

Na segunda etapa, trabalhamos com a análise de documentos, matérias jornalísticas e fotografias que retratam o percurso histórico da festa, visando aprofundar e detalhar a análise histórica. Posteriormente, foram realizadas entrevistas para coleta de dados. Dessa forma, mais especificamente, fizemos uso da entrevista do tipo semi-estruturada com os sujeitos que compõem a organização e os que participam da festa na cidade de Barbalha – CE, a fim de obter o maior número de informações e detalhes sobre o tema. A partir das informações dos entrevistados, adquirimos relatos de suas experiências a respeito da manifestação festiva. Adotamos o modelo de entrevista semiestruturada, pois a mesma: “[...] combina perguntas fechadas e abertas, e que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema sem se prender a questão formulada”. Minayo Op. Cit. (p. 59).

Para análise e interpretação dos dados coletados nas entrevistas utilizamos a análise de conteúdo, nas fases sugeridas por Bardin (2008), como método de tratamento da informação contida nas entrevistas. Segundo Meieles (2010, p.78), a análise de conteúdo “[...] são metodologias que se valem da inferência e da interpretação para obter questões relevantes contidas em um conjunto de documentos”. Portanto, a partir da dedução feita com base nas informações coletadas, conseguimos realizar a interpretação das informações. Segundo Bardin, (2008) o método é definido como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadoras (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (p. 44)

Em termos de aplicação, a análise de conteúdo foi dividida em três fases, contando com a pré-análise, a exploração do material e, por fim, o tratamento dos resultados e interpretação (BARDIN, 2008).

Utilizamo-nos desse percurso metodológico, a fim de obter respostas de forma satisfatória ao problema de pesquisa.

2 A FESTA DO PAU DA BANDEIRA NO CARIRI CEARENSE: aspectos históricos e culturais

2.1 O Cariri Cearense, mais conhecido como “O oásis do sertão”: sua cultura, tradição e fé

Para compreender a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, neste capítulo versamos a respeito dos aspectos históricos e culturais da região onde ocorre a festa, o Cariri Cearense, enfatizando a formação histórico-cultural do Cariri, suas características e influências. Serão explanados ainda os principais momentos da festa e sua composição.

A Festa do Pau da Bandeira acontece todos os anos na cidade de Barbalha, no interior do Estado do Ceará, na região do Cariri. Essa manifestação abre o calendário de festas que ocorre no mês de junho, como as festas de São João e São Pedro. Ressaltamos que essas festas tradicionais são de origem portuguesa e foram inseridas na cultura brasileira em comemoração às colheitas agrícolas no Brasil. De acordo com o Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira (2004) os festejos juninos são definidos como:

Festa religiosa, originalmente de natureza agrária e pagã, incorporada à tradição religiosa. O período é marcado pelas festas de São João, Santo Antônio e São Pedro. No Nordeste as festas juninas estão diretamente vinculadas ao início da colheita do milho, e é nesse alimento que se baseia toda a cultura da época. (TFCPB, 2004)

A Festa do Pau da Bandeira tem como marco inicial o corte de uma árvore, cujo tronco deverá ser carregado por vários homens em um percurso pelas principais ruas da cidade até a igreja matriz. Esses homens são conhecidos como os “carregadores do pau”, juntamente com o “capitão”, o líder dos demais. É importante ressaltar que apenas os homens da comunidade podem fazer o corte e o percurso que compreende os trechos do sítio São Joaquim até a praça da igreja matriz da cidade. Assim, cerca de 250 carregadores percorrem as principais ruas da cidade com o mastro, com alguns intervalos de descanso, jogando o mastro no chão diversas vezes ao longo do trajeto. A data em que ocorre a Festa do Pau da

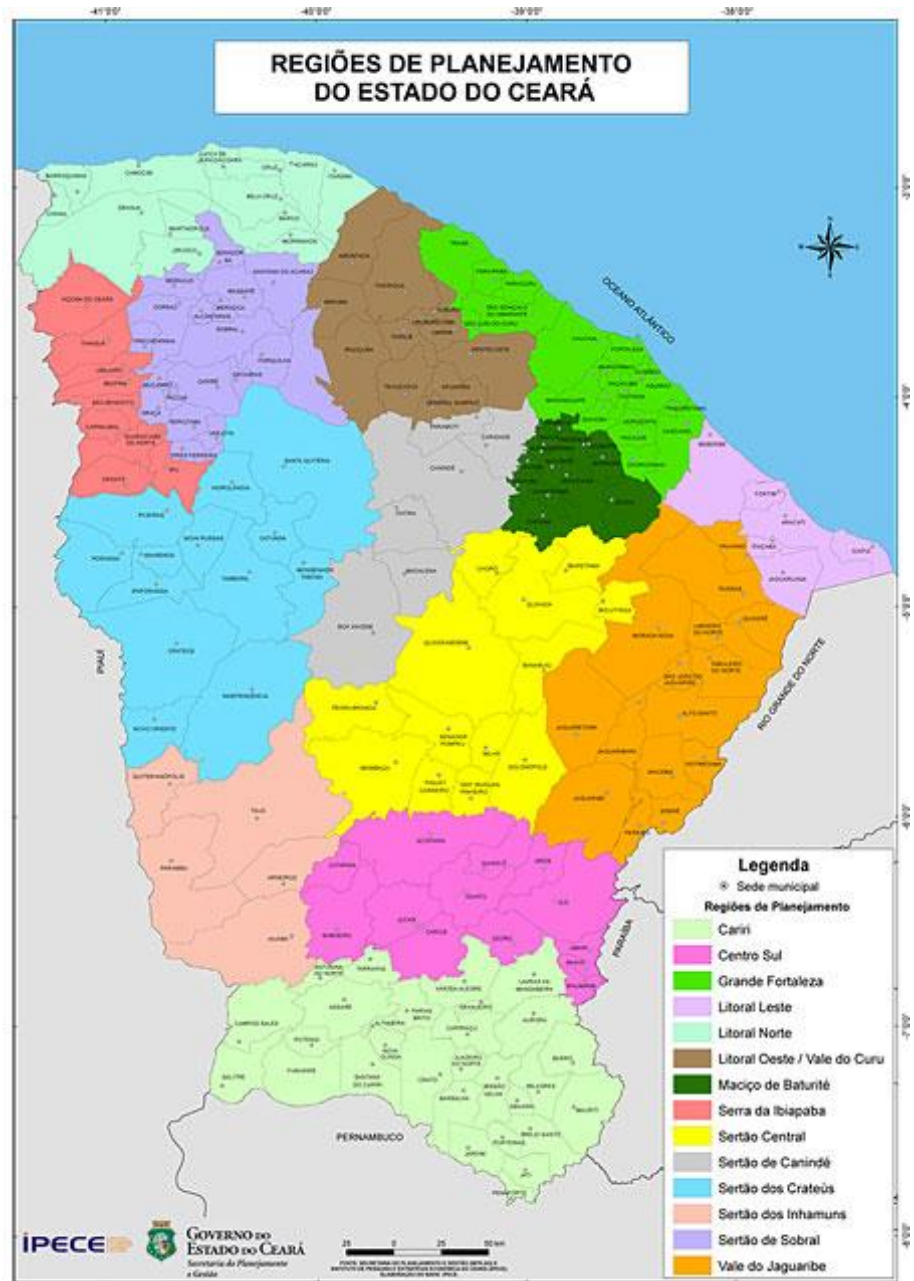
Bandeira é relativamente móvel, podendo ocorrer no último domingo do mês de maio ou no primeiro domingo de junho. O fato é que os festejos podem levar 15 dias ou mais, dependendo de sua data de início. As comemorações dedicadas à Santo Antônio, em Barbalha, também são compostas com a trezena na igreja matriz, a quermesse que acontece na praça da estação, e, por fim, a procissão no dia 13 de junho em homenagem ao santo padroeiro.

Para compreender as particularidades da manifestação do Pau da Bandeira é importante também compreender o espaço no qual ela acontece, seu histórico, além de suas principais referências artísticas e culturais, que, de alguma forma, dialogam e/ou participam da manifestação. Com isso, pretendemos descrever brevemente sobre a região do Cariri.

A região do Cariri localiza-se ao sul do Estado e é formada por 29 municípios, (Figura 1) a saber: Abaiara, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririáçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Salitre, Santana do Cariri, Tarrafas e Várzea Alegre.

Para a integração e organização do planejamento, e a execução de funções públicas de interesse comum, foi instituída oficialmente em 26 de Junho de 2009 A Região Metropolitana do Cariri (RMC) (Figura 2) através da Lei Complementar de nº 78, constituída pelo agrupamento dos municípios de Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, (esses três municípios particularmente formam o núcleo mais desenvolvido da região, denominado de triangulo “Crajobar”) Jardim, Missão Velha, Caririáçu, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri (CEARÁ, 2009, art. 1º).

Figura 1 - O Estado do Ceará e suas regiões



Fonte: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (2007)

Figura 2 - Localização da região metropolitana do Cariri



Fonte: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) (2007)

O nome Kariry costuma ser genericamente dado a um grupo nômade de índios que habitou grande parte do nordeste brasileiro. Uma dessas tribos chegou ao sul do Ceará, nos séculos IX e X, e deu nome à região que, conseqüentemente, passou a ser conhecida como Cariri. Nesse sentido, Araújo (2006, p.75) aborda que: "o nome Cariri originou-se da nação indígena Kariry ou Kariré. No princípio, a região foi denominada de Cariri Novo, como forma de diferenciá-la do Cariri paraibano, também conhecido como Cariri Velho". Para que houvesse a distinção da região do Cariri localizado no estado da Paraíba, o que era denominado por "Cariri velho", segundo a autora, a região que estava localizada dentro do estado do Ceará, ficou denominada como "Cariri Novo".

Conhecida por ser o "oásis do sertão", devido ao seu clima e sua ecologia, a região também conta com uma diversidade cultural muito extensa. Referindo-se ao Cariri, Lima Verde (2015) registra a abundância dos recursos naturais da região. Assim:

Em pleno semiárido nordestino, o Cariri cearense se destaca das demais regiões por apresentar, ainda hoje, uma considerável incidência de fontes de água cristalina e natureza abundante mesmo em períodos de estiagem, embora os fatores antrópicos venham contribuindo para a sua diminuição. Essas são peculiaridades que conferiram ao longo do tempo ao Cariri o apelido de Oásis do Sertão. (p 87)

Nesse mesmo sentido, o autor Pinheiro (2010) descreve a chapada do Araripe (Figura 3) como um local importante do Cariri:

Dos sertões do Ceará e Pernambuco avista-se, distante de léguas a serra do Araripe na sua imponente altitude, a separar-se do espaço por uma regular, extensa e nítida linha horizontal. Dá-nos a impressão de uma paisagem em que, ao longe, se encontrem céu e mar. Todos os importantes núcleos populosos do Cariri são mui pertos da chapada do Araripe, cujo nome primitivo foi Rari. (p. 15)

Figura 3 – Chapada do Araripe CE



Fonte: Site Conhecendo o Brasil.

Ainda no período colonial, as doações de sesmarias permitiram a chegada de fazendeiros vindos de estados vizinhos, tais como Pernambuco, Bahia dentre outros. Por meio da expansão pecuária, houveram confrontos entre os habitantes da região com os recém-chegados conquistadores das terras caririenses que, por meio da força, dominaram e demarcaram o território. Com isso, muitos índios foram mortos por fazendeiros, perderam seu espaço e suas vidas. Das primeiras comunidades indígenas pouco restou. Porém, muitas de suas práticas culturais e religiosas ainda se perpetuam, o que de fato influenciou muito na construção da identidade da região do Cariri. Os autores Alexandre, et.al., (2013) sobre as heranças deixadas pelos índios Kariris na região, afirmam que:

Apesar da expulsão e mesmo eliminação física dos primeiros habitantes da região, sua cultura e visão de mundo permaneceram presentes através da oralidade e de práticas culturais e religiosas, mantidas, muitas vezes, às escondidas. Assim, o modo de vida caririense é ainda profundamente marcado pela cultura dos índios kariri: as bandas cabaçais, as lendas sobre nascentes tapadas pelos índios e que um dia inundarão o vale do Cariri, as histórias de assombração, repletas de caboclos e *pais da mata*, o uso de ervas medicinais e outras práticas culturais da localidade dão indícios dessa herança cultural. (p. 55)

Apesar da violência perpetrada contra os índios Karirys, hoje existem alguns espaços que preservam vestígios materiais desses primeiros habitantes da região, como na cidade de Nova Olinda. A Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri¹, museu este que, além de abrigar acervo arqueológico referente aos índios Karirys, materiais cerâmicos e líticos catalogados e expostos, promove na comunidade projetos culturais e educacionais com o objetivo de desenvolver uma formação interdisciplinar junto às crianças e jovens, respeitando e abordando sobre essa ancestralidade. Esse projeto² tem como idealizadores o músico Alemborg Qiundis, e a arqueóloga Rosianne Lima Verde.

Desse modo, a identidade da população da região teve forte contribuição dos índios Kariris, herança que ainda se perpetua nos modos de fazer, em mitos, em lendas e em tantas outras características, e vem sendo trabalhadas por algumas entidades, a exemplo, a Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri, conforme demonstrado anteriormente. Ainda a respeito dos índios Karirys, Pompeu Sobrinho (1950) aborda que:

Os achados de peças da sua cerâmica e dos utensílios líticos, objetos de osso, tecidos, etc. e outros elementos usuais revelados pela sua linguagem e conservados pela tradição local mostram uma bem evoluída cultura média ou neolítica, inconfundível com as dos povos mais primitivos, disseminados no Nordeste do Brasil. (p. 317)

¹ Segundo o histórico da Fundação (200-?) “A Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri é uma organização não governamental, cultural e filantrópica criada em 1992, com sede em Nova Olinda, Ceará, Brasil. Sua criação se deu a partir da restauração da primeira Casa da Fazenda Tapera, hoje cidade de Nova Olinda, ponto de passagem da estrada das boiadas que ligava o Cariri ao sertão dos Inhamuns, no período da civilização do couro, final do século XVII.”

² Segundo Lima Verde (2010), “[...] atualmente, é uma Escola de Comunicação e Cultura plantada no Vale do Cariri cearense, com uma vasta produção cultural elaborada por crianças e adolescentes: programas de rádio e TV, atividades musicais e teatrais, produção de documentários, administração e programação do museu. Fundada em 1992, a Casa Grande é um modelo de entidade que promove a inclusão social e o protagonismo infanto-juvenil [...]”. (p. 116).

Por ser localizada na Chapada do Araripe, a região tem como uma das principais riquezas naturais seus sítios arqueológicos, com uma grande quantidade de vestígios dos homens pré-históricos e registros rupestres em rochas e cavernas, constituindo um dos principais depósitos fossilíferos do país. A autora Lima Verde, op. cit. (2015) em sua tese de doutorado, aborda sobre os recursos geológicos e paleontológicos da região como:

O estudo geológico dessa região tem revelado capítulos importantes da evolução da história da vida e da terra. Os depósitos sedimentares preservam grande diversidade de rochas, como os calcários, argilitos, arenitos e espessos depósitos de gipsita, registro dos ambientes geológicos que existiram nessa região. Além disso, essa bacia preservou de forma excepcional abundantes registros fossilíferos da vida existente nesta época, como artrópodos, restos de pterossauros, tartarugas, crocodilomorfos, assim como folhas e outros fragmentos vegetais e troncos fossilizados. A preservação dessa vasta riqueza de fósseis da região foi propiciada por condições singulares durante a evolução geológica da Bacia do Araripe. (p. 65-66)

Vários exemplares de fósseis encontram-se expostos no Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, fundado em 1985 pela Prefeitura Municipal de Santana do Cariri. O museu possui projetos de escavação e coleta de fósseis em toda a Bacia do Araripe. No ano de 1991, o Museu foi doado à Universidade Regional do Cariri (URCA), passando a integrar a estrutura da universidade como núcleo de extensão e pesquisa (Geopark Araripe, 20-??). Para além da diversidade arqueológica e histórica, o Cariri está inserido no espaço ecológico da Chapada do Araripe. Lima Verde (2006) relata que:

A Chapada do Araripe representa no contexto arqueológico nordestino um lugar ímpar para a vida humana desde a pré-história, quando bandos de caçadores e coletores em busca de um refúgio ambiental fugiam da aridez do sertão. Foi nesse contexto que se manifestou uma cultura material e intangível diversificada, oriunda de diferentes grupos humanos que no ambiente do Araripe conviveram atraídos pelas fontes perenes do sopé da chapada que alimentavam o fértil vale do Cariri. (p.3)

A região do Cariri também é conhecida por sua expressividade religiosa, tendo como destaque principal a figura do Padre Cícero Romão Batista³ e a cidade de Juazeiro do Norte (Figura 4). A história do Padre Cícero foi marcada por acontecimentos políticos e religiosos. Considerado um grande centro de romarias, a cidade de Juazeiro do Norte recebe milhares de fiéis (Figura 5), que ano a ano vão cultuar o Padre Cícero, tido como o santo do sertão.

Figura 4 - Estátua do Padre Cícero na Colina do Horto



Fonte: Revista Cariri (2019).

³ Para mais informações consultar a obra de Lira Neto, Padre Cícero: Poder, fé e guerra no sertão (2009).

Figura 5 - Romeiros em Juazeiro do Norte CE



Fonte: Mãedasdores.com (2017).

A crença e a fé proporcionaram à cidade um considerável desenvolvimento econômico. Ainda hoje a movimentação financeira da região, principalmente na cidade de Juazeiro do Norte, gira em torno das romarias. Os espaços que contam a trajetória do padre Cícero e mostram através da expografia a devoção do homem sertanejo pelo santo do sertão é apresentada em espaços como o Memorial Padre Cícero, o Museu Vivo de ex-votos do Horto (Figura 6), e a Casa dos Milagres onde viveu o clérigo.

Figura 6 - Museu Vivo do Padre Cícero



Fonte: Imagem da autora (2018).

O Cariri destaca-se também pelo artesanato em madeira, palha, argila e o couro. Referindo-se a este último item é importante mencionar a figura do famoso mestre Espedito Seleiro⁴, que se destacou ao unir o design do cangaço à necessidade dos vaqueiros. Espetido herdou do seu pai o nome Seleiro, pois aprendeu o ofício de elaborar e costurar as roupas e selas de couro para os vaqueiros do sertão. Ao longo do tempo, com o declínio da profissão dos vaqueiros, assim como a modernização desse trabalho, atualmente os vaqueiros utilizam

⁴ De acordo com Albuquerque (2015) Espedito Veloso de Carvalho nasceu no dia 29 de outubro de 1939, na cidade de Arneiróz, sertão dos Inhamuns. Filho de Raimundo, grande mestre seleiro, e de Maria Pastora. Fez seu primeiro trabalho, com apenas oito anos de idade: uma malinha de couro cru, perfeita para guardar joias para a mãe. Mudou-se para Nova Olinda aos onze anos.

motocicletas ao invés do cavalo⁵. Espedito produz atualmente produtos como sandália, bolsas, carteiras, cadeiras, dentre outros. Esses artigos passaram a ser reconhecidos internacionalmente, pois o mesmo foi convidado a participar nas semanas de moda em São Paulo e Paris, expondo seus produtos com a identidade da moda do sertão nordestino. Seu ateliê (Figura 7) virou ponto turístico em Nova Olinda, e hoje abriga o Memorial Espedito Seleiro.

Figura 7 - Ateliê Espedito Seleiro



Fonte: Waldemar Cunha.

Além das manifestações brincantes como as bandas de pífano, de origem indígena, os reisados (reis de couro e folhas de reis ou congadas) oriundas da tradição afro-brasileira, e a produção de xilogravuras, e também de cordéis, destaca-se uma personalidade muito importante no cenário caririense, Antônio Gonçalves da Silva, popularmente conhecido por Patativa do Assaré⁶, poeta do sertão que traduziu através da oralidade e da poesia do repente a vida do homem camponês em meio ao sertão nordestino, constituindo-se uma grande referência na poesia oral do

⁵ Para saber mais consultar o documentário de Adriana Yañes, A sandália de Lampião (2011). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nEog6URX1nw>.

⁶ Nascido em 5 de março de 1909, filho de agricultores, perdeu o pai aos oito anos, passando a partir daí a trabalhar na roça para garantir o sustento da família. Ainda criança tomou gosto pela poesia, o nome "Patativa" surgiu devido à semelhança entre seu canto e o do pássaro Patativa, viajou pela região cantando seus repentes e apresentando-se na rádio Araripe. Seus principais poemas são "Cante lá que eu canto cá", "Meu protesto", "Inspiração nordestina" e "A triste partida", esta última nacionalmente conhecida na interpretação de Luiz Gonzaga.

nordeste. Devido a sua grande contribuição poética, também foi elaborado o Memorial Patativa do Assaré, dedicado a rememorar sua vida e obra. O poeta deixou diversas publicações em livros com vários poemas. As tradições populares musicais incluem ainda o baião, o forró pé de serra, a cantoria de viola, o coco, o repente, a embolada e etc.

Dentre estas cidades, Barbalha fica localizada na região do Cariri, a 535 km da capital, Fortaleza. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2016, a cidade possui uma população de aproximadamente 59.343 habitantes e ocupa uma área de 569.508 Km² (IBGE, 2017).

É neste contexto de tradições e manifestações religiosas que a cidade de Barbalha também se destaca pelos festejos a Santo Antônio, o padroeiro da cidade, com a tradicional Festa do Pau da Bandeira. A manifestação foi registrada em 2015 como patrimônio cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), inscrito no livro de registro das celebrações.

2.2 O padroeiro da cidade de Barbalha: Santo Antônio

A fé e devoção a Santo Antônio no Brasil ocorreu, inicialmente, durante a colonização, visto que os portugueses eram devotos do santo. Com a instauração da fé cristã e a catequização dos povos indígenas e os povos de origem africana, muitos dos costumes europeus se expandiram no Brasil.

Santo Antônio (Figura 8) nasceu em Lisboa, em 15 de agosto de 1195. Seu nome de batismo era Fernando Bulhões. Sua vida religiosa teve início quando entrou no mosteiro de Santa Cruz, na cidade de Coimbra, no ano de 1212, para estudar Filosofia e Teologia. Passou a se chamar Antônio quando ingressou na ordem Franciscana. Foi missionário no Marrocos, pregou em algumas cidades italianas e no sul da França. O autor Vainfas (2003, p. 30) relata que "Frei Antônio foi, sem dúvida, um religioso obstinado na defesa do cristianismo." Nomeado professor de Teologia lecionou em algumas cidades e, posteriormente, se instalou na cidade de Pádua, quando adoeceu gravemente por uma moléstia. Vainfas Op. Cit. (p. 30) afirma que: "Em 13 de junho, sexta-feira, sofreu forte crise e morreu, aos

36 anos. No ano seguinte foi canonizado pelo papa Gregório IX, tornando-se Santo Antônio de Lisboa, também chamado de Santo Antônio de Pádua." O dia dedicado à comemoração do santo acontece no dia 13 de junho, dia de sua morte.

Figura 8 - Imagem de Santo Antônio



Fonte: Calendarr.com

Em Barbalha, a fé em Santo Antônio se dá pela devoção ao seu santo padroeiro, ocupando lugar de destaque através da igreja matriz da cidade. A respeito disso os autores Alexandre, et.al., Op. Cit. (2013) afirmam que:

A exemplo de muitas outras cidades brasileiras, Barbalha cresceu e se desenvolveu em torno da igreja do seu santo padroeiro. Por essa razão, a Matriz de Santo Antônio é o lugar dedicado por excelência ao santo de Pádua na localidade, além de ser tida como marco histórico, gênese da identidade de seus habitantes. (p. 49-50)

Portanto, é possível perceber a devoção dos barbalhenses a Santo Antônio, desde o culto através de sua igreja principal, dando destaque ao santo como padroeiro da cidade, mas, principalmente, no período dos festejos para celebração e agradecimento as graças alcançadas.

2.3 A celebração da Festa do Pau da Bandeira em Barbalha

Segundo Souza (2000), a Festa do Pau da Bandeira está estruturada em algumas fases com alguns elementos complexos que analisaremos a seguir. As fases são: 1) Início; 2) Mudanças, Incorporações e Consolidação e 3) Fase atual.

Desta forma, é importante mencionar que um dos primeiros trabalhos que tratam sobre a festa é a pesquisa do professor Océlio Teixeira de Souza. Este aborda o início da celebração e a tradição do carregamento e hasteamento da bandeira no mastro. Esse autor, através de sua pesquisa, destaca três fases importantes da Festa do Pau da Bandeira, baseadas na sua cronologia, mudanças e elementos incorporados ao longo do tempo. No que se refere aos primeiros cortejos, Souza (2000) disserta que:

Não se sabe com precisão quando ocorreu o primeiro cortejo com o mastro da bandeira do Santo Padroeiro. Há duas versões na tradição oral local. A primeira remete ao início do carregamento do pau da bandeira no último quartel do século XIX. A segunda define esse momento, em 1928, como primeiro ano do paróquio do Padre José Correia Lima.

O autor considera também que existem três momentos fundamentais na dinâmica e transformação. No primeiro, até por volta dos anos de 1940, a festa era basicamente de caráter religioso. No segundo momento, após a década de 40, a festa ganhou um aspecto turístico e de participação popular. Segundo o dossiê de registro da festa do IPHAN (2015), ela ganhou notoriedade após a crise na produção de cana de açúcar na cidade que, até então, era a sua principal fonte de economia. Assim:

Na segunda metade do século XX, o principal ramo da economia de Barbalha – produção e comércio de açúcar e rapadura – entrou em crise. Uma série de medidas, portanto, foram concebidas e encaminhadas a fim de permitir que outras atividades pudessem ocupar a centralidade e relevância econômica dos engenhos barbalhenses de outros tempos. A Festa de Santo Antônio, em Barbalha, tornou-se uma possibilidade plausível, implicando o início da exploração referente ao potencial turístico dos festejos dedicados a Santo Antônio de Pádua. A partir desse novo sentido atribuído à festa, houve uma série de mudanças em sua configuração. (p. 59)

O potencial turístico mencionado é considerado devido a alguns elementos incorporados como shows e a participação de boa parte da população da região, e também de conterrâneos que residem em cidades distantes. O terceiro momento é apontado pelo autor acima, que seria a atual configuração da festa.

Pensar o significado de festas envolve pensar no comportamento e modos de vida de uma determinada comunidade. São vários os estudos e conceitos para o termo festa, os quais não pretendemos explorar de forma exaustiva. Encontramos trabalhos que conceituam o termo a partir de suas bases teóricas na história, na sociologia, e na antropologia. Para esta pesquisa nos apoiamos no autor Guarinello (2001) e na autora Amaral (1998). Ambos nos trazem conceitos que se enquadram no que pretendemos expor a respeito do tema, ou seja, compreender o termo no que se refere ao estudo do cotidiano de uma determinada comunidade. Em seu texto Guarinello (2001, p. 975) procura definir o termo de forma que seja “útil para o estudo da vida cotidiana das sociedades humanas”. E ainda, a respeito do conceito de festa, o autor nos a apresenta como:

“[...] uma produção do cotidiano, uma ação coletiva que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objetivo que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes de uma determinada identidade. Festa é a confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. Festa, portanto, produz identidade.” (Idem, 2001, p. 973)

No entanto, essa ação coletiva de produzir a festa simboliza para os participantes numa quebra da rotina comum. O objetivo é celebrar sua identidade cultural, a sua religiosidade através da Festa do Pau da Bandeira.

Festas são espaços onde a sociedade se utiliza do divertimento a fim de liberar tensões acumuladas no cotidiano, na rotina e no trabalho. Podem ser assim consideradas como momentos de “fuga da realidade”, uma forma de lazer, de diversão e/ou maneiras de celebrar o sagrado, de socializar, sendo assim um fenômeno social. Dado as diversidades de elementos, tais como a religião, a cultura, símbolos, identidades individuais e coletivas, todos estes aspectos associados compõem esse fenômeno social de lazer e entretenimento. A autora Amaral (1998) traz sua contribuição sobre festas afirmando que:

A grande maioria delas permanece sendo de caráter religioso, embora também mantenha aspectos bastante secularizados, que chegam a criar conflitos com a igreja, pois muitas vezes a participação popular se dá mais pelo aspecto turístico, do divertimento e alegria, do que pelo aspecto religioso propriamente dito do evento. Além disso, disputa pelo controle político e econômico da festa também são frequentes. (p. 36)

Desse modo, a autora nos traz contribuições a partir desse pensamento: a Festa do Pau da Bandeira em grande parte é de caráter religioso, mas ao mesmo tempo ganhou, ao longo dos anos, elementos descontraídos, de cunho turístico, uma mistura de sagrado e profano, duas circunstâncias em uma única festa. Nesse mesmo sentido, de acordo com o TFCPB (2004), “festa popular”⁷ significa:

“[...] lazer, estética e tradição, e possibilita a aproximação entre indivíduos, sendo divertimento que reaviva velhas tradições, reforça laços de origem, mas também incorpora novos elementos e anseios [...]. Pode referir-se a um objeto sagrado ou sacralizado e compreende comportamentos profanos”.

Assim, a Festa do Pau da Bandeira pode-se caracterizar como uma manifestação da cultura popular⁸, religiosa, artística, turística, devido aos elementos incorporados, ao longo dos anos, que fazem dessa celebração algo singular, sendo considerada uma das maiores festas da região, por dois motivos: primeiro, pela quantidade de pessoas que comparecem, ou seja, em torno de 200 mil pessoas; (Figura 9) segundo, por ter sido a única manifestação até o presente momento, no interior do Ceará, a receber o reconhecimento, por meio de registro como patrimônio cultural nacional através do IPHAN, devido a sua simbologia, elementos e particularidades.

Dessa maneira, são vários elementos que compõem a manifestação. Apesar da Festa do Pau da Bandeira ocorrer em um único dia, sua preparação ocorre antes,

⁷ Pretendemos manter o termo em aspas, pois compartilhamos do conceito de (CHARTIER, 1990) a respeito do termo popular, o termo será descrito com mais precisão na próxima nota.

⁸ Nesse sentido o termo cultura popular é utilizado na perspectiva do autor Chartier (1990, p.179) como “[...] um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível a da cultura letrada.” Ou seja, não é popular no sentido de inferioridade à cultura letrada e dominante, e sim, popular na perspectiva de uma cultura espontânea, cultivadas pelo povo por tradições orais e coletivas.

e se estende até o dia 13 de junho, dia consagrado a Santo Antônio. A festa é composta por várias fases. Inicialmente, é organizada por instituições como a Prefeitura da cidade de Barbalha, a paróquia de Santo Antônio, matriz da cidade, o Governo do Estado do Ceará, e principalmente os carregadores, que são em sua totalidade homens e moradores da cidade. Estes são fundamentais na escolha e manejo do tronco de madeira utilizado.

No mês de maio, a cidade de Barbalha já se encontra inteiramente enfeitada. Nas ruas principais e próximas à igreja matriz, é possível visualizar bandeirolas coloridas, bonecos representando personagens da cultura local, cartazes, fachada das casas, outdoors anunciando a data da festa, bem como propagandas de lojas do comércio local, a fim de atrair boas vendas para este dia.

Figura 9 - A cidade enfeitada



Fonte: Izac Silva (2016).

O primeiro estágio da festa se dá com a escolha e corte da árvore. Este é um momento ritualístico que envolve a comunidade, os carregadores do pau. O termo carregadores é dado ao grupo de homens que são encarregados de manter a tradição todos os anos e fazem o procedimento de corte, carregamento e hasteamento do mastro na praça da igreja matriz. Conforme o dossiê do IPHAN (2015), sobre esse ritual de escolha, corte e cortejo do mastro é constatado a devoção dos barbalhenses de forma que:

As dimensões do “pau”, portanto, na medida em que o carregamento, e todo o esforço físico empreendido durante essa prática, se configura como um ato coletivo de fé, expressam uma demonstração pública de esforço e sofrimento em homenagem a Santo Antônio. (p. 73)

A preparação da festa começa, assim, quinze dias antes da data definida como o dia do Pau da Bandeira. É realizada uma missa onde o vigário da igreja matriz abençoa os carregadores, e de lá eles saem da cidade até a chapada do Araripe, mais propriamente no sítio Flores ou no sítio São Joaquim, para a escolha de qual árvore irão derrubar e utilizar para hastear a bandeira da cidade, na praça da igreja matriz, manifestando através disso todo o esforço e oferta dada ao santo como forma de agradecimento pelas graças alcançadas. Os cortadores sempre fazem uma oração antes do corte. Conforme o dossiê de registro do IPHAN (2015) acontece dessa forma:

Os instrumentos utilizados para o corte e preparo da árvore são basicamente o machado e a foice: o primeiro, para o corte propriamente do “pau” e o segundo, para desgalho e descasco da árvore. O trabalho exige certa perícia e, sobretudo, experiência. Além da pré-seleção da árvore, cabem aos responsáveis pelo corte, a responsabilidade para que todo o processo ocorra sem transtornos. Portanto, há uma preocupação em não danificar o “pau” designado para o corte, assim como também devem se ater os responsáveis em evitar maiores danos ambientais e acidentes que possam vir a machucar quaisquer dos indivíduos presentes no local. (p. 75)

A maioria das pessoas bebe cachaça durante o procedimento de escolha e corte da árvore, pois, além de ser um momento de fé, o ritual também é descontraído e garante a diversão de muitos que, mesmo não sendo carregadores, acompanham o ritual. Assim, fazem a escolha da árvore. É necessário que seja uma árvore “de lei”, como eles mesmos costumam mencionar, ou seja, uma árvore que tenha um tronco resistente para aguentar todo o percurso do carregamento até chegar ao destino final sem quebrar, pois diversas vezes durante o percurso o tronco precisa ser jogado no chão, devido ao seu peso que pode chegar a ter em média, duas toneladas, e também a distância do local até a igreja matriz. Ao se referir ao processo de escolha e corte, os autores Alexandre, Souza, Bezerra, Op. Cit, (2013) abordam que:

A celebração do Corte é uma demonstração do que está por vir: bebida, música, dança, comida, brincadeiras, banhos, euforia, louvação e muita alegria marcam a ocasião. Quinze dias após o Corte, no último domingo de maio ou no primeiro domingo de junho, dá-se a celebração dos festejos de Barbalha. (p. 61)

Assim, a festa de Santo Antônio é caracterizada como uma festividade popular religiosa, relacionada ao calendário católico, mas que, ao longo do tempo, adquiriu características consideradas profanas. Desde sua criação até o momento atual, a festa passou por algumas mudanças. A mais marcante foi a sua carnavalização, em que os indivíduos se reúnem nas ruas da cidade a fim de se divertirem. Sobre isso o dossiê de registro do IPHAN (2015) acrescenta que:

Portanto, a partir dos anos 70 aos dias atuais, a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, passou por grandes transformações, que a tornaram cada vez mais um "espetáculo de consumo", em vez de um "espetáculo de devoção", como o foi desde a sua concepção e como decerto se consolidou tal manifestação ao longo do tempo. A crescente participação da administração municipal na organização da festa é um elemento a se levar em consideração quando das discussões acerca das implementações e mudanças por que passou a festa dedicada a Santo Antônio de Pádua, no município de Barbalha. (p. 64-65)

Ainda durante a madrugada, por volta das cinco da manhã, a cidade é acordada com barulho de fogos de artifício e carro de som anunciando a festa e, por todos os lados, se ouve uma grande marca da festa, a canção "Festa de Santo Antônio", eternizada na voz de Luiz Gonzaga, que descreve resumidamente como acontece a Festa do Pau da Bandeira.

A Festa de Santo Antônio

Em Barbalha é de primeira

A cidade toda corre

Prá ver o Pau da Bandeira

Olha quanta alegria, que beleza
A multidão faz fileira, hoje é o dia
Vamos buscar o Pau da Bandeira
Homem, menino e mulher
Todo mundo vai a pé
A cachaça na carroça
Só não bebe quem não quer
Só se ouve o comentário
Lá na igreja do Rosário
Que a moça pra ser feliz
Reza-se lá na matriz
Meu Santo Antônio casamenteiro
Meu padroeiro, esperei o ano inteiro⁹

O segundo estágio acontece no domingo. Logo pela manhã, por volta das oito horas, a cidade acorda com as primeiras atrações da festa, apresentações de grupos de cultura da região como as lapinhas¹⁰, grupos locais de capoeira¹¹, bandas

⁹ Composição de Alcymar Monteiro e João Paulo, interpretada por Luiz Gonzaga.
Fonte: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/1561361/>

¹⁰ Lapinhas auto das pastorinhas ou folguedo, segundo o (TFCPB, 2004): “Folguedo natalino originado dos autos pastoris portugueses. No Brasil, inicialmente as apresentações realizavam-se diante de presépios; atualmente ocorrem em tablados em qualquer parte. Consta de prólogo e atos compostos por bailados, cantos, recitativos e diálogos em homenagem ao nascimento de Jesus. Os personagens variam, mas sempre aparecem mestra, contra-mestra e Diana; às vezes, anjo e/ou o diabo, entre outros”.

¹¹ De acordo com o (TFCPB, 2004): “Jogo cuja execução requer um círculo de pessoas, que delimita o campo onde ele se desenvolverá (roda), e orquestra, geralmente com berimbaus e pandeiros, que marca o ritmo. Os golpes são característicos de luta em que os adversários não se atacam, mas, guardando distância, livres, entram em contato apenas no momento exato do ataque e da defesa. Em especial, os golpes de capoeira utilizam exclusivamente os pés, servindo as mãos de apoio aos movimentos de todo o corpo. Os golpes costumam ser ao mesmo tempo de ataque e de defesa, sendo difícil estabelecer fronteira entre movimentos ofensivos e defensivos”.

de cabaçais e reisados (Figura 10). Vale detalhar aqui, esses dois grupos culturais fortes na região, são eles: os reisados e as bandas cabaçais.

Os reisados possuem algumas variações em seu termo no território brasileiro, como mostra Barroso (20, p. 181) “(Terno de Reis, Tiração de Reis, Folia de Reis, Reisado – de Congo, de Caretas ou de Couro, de Caboclos, de Bailes – Boi, Rancho de Reis, Guerreiros etc.)”, o reisado é uma espécie de teatro, brincadeira, cortejo oriunda da Europa e países orientais, e que se constitui de vários elementos artísticos como a dança, a música, o teatro e o figurino. Os reisados são folguedos do ciclo natalino, o autor define como:

Em todas as suas formas, o Reisado é essencialmente um teatro nômade, peregrinal, processional, ambulante, uma grande narrativa desenvolvida por um grupo de brincantes, sem começo ou fim, na busca interminável da utopia que, entre suas várias traduções, tanto pode ser lida como o Divino (no caso dos Reis Magos), quanto como a “Terra Sem Males” dos índios brasileiros. Daí poder traduzir-se como uma caminhada que tem um sentido, mas não uma rota determinada, pois pode mudar ao sabor dos ventos ou de circunstâncias as mais diversas. Uma viagem que “vem do começo do mundo”, como dizem os brincantes, e que, como o mundo, não se sabe se em alguma época se acabe. (Barroso, p. 182)

No Cariri a presença dos grupos de reisados é bastante presente.

As bandas cabaçais assim como os reisados, são classificadas como folguedos¹². As bandas cabaçais também são conhecidas por bandas de pífano, elas são caracterizadas por serem uma formação musical de cinco ou seis integrantes, que utilizam instrumentos musicais que geralmente são fabricados por eles próprios. A banda é constituída por uma zabumba, dois pífanos e um par de pratos acústicos.

O desfile acontece na rua principal de acesso a igreja matriz, a Rua do Video. Por último, neste cortejo também ocorrem intervenções de militantes dos

¹² Para o (CNFCP, 2006): “Atividade ritual que se expressa como manifestação coletiva composta de elementos dramático, musical e coreográfico. (...) A divisão de trabalho e a hierarquia interna dos grupos exigem certa permanência, contribuindo para a manutenção de um padrão básico. O folguedo integra dimensões festivas, musicais, estéticas e dramáticas. O componente dramático, nem sempre explicitamente encenado, é sempre identificável nos trajes especiais, na organização de danças, cantorias, embaixadas, cortejos e na existência de personagens. As apresentações ocorrem em ruas e praças públicas, ou em terreiros e estádios, especialmente nos dias de festas do calendário litúrgico ou profano”.

movimentos feministas da região. Essas intervenções, que passaram a fazer parte da festa como um ato político, serão detalhadas no decorrer do texto.

Figura 10 - Apresentação de reisado e banda cabaçal na rua do vídeo



Fonte: IPHAN (2015).

A folclorização¹³ da festa ocorreu por volta dos anos 70, em decorrência de alguns estudos e incentivos culturais no Brasil. Com isso, a gestão municipal da época resolveu incorporar ao festejo elementos da cultura popular local como, por exemplo, grupos de tradições no dia do Pau da Bandeira, com o intuito de estabelecer um cunho turístico. O governo municipal também investiu nos grupos de tradição da região e na contratação de artistas de renome nacional. As gestões municipais da época se dispunham, cada vez mais, na implementação de atrações, a fim de demarcar a relevância de cada administração e, conseqüentemente, de obter retorno com o investimento feito nessas mudanças.

Segundo Amaral (1998, p.38), “as festas podem oscilar mesmo entre dois pólos: a cerimônia (como forma exterior e regular de um culto) e a festividade (como

¹³ Este termo foi utilizado para designar a introdução dos grupos de tradição existentes na região, que passaram a fazer parte da festa ganhando um cortejo específico logo após a missa realizada na igreja matriz no período da manhã.

demonstração de alegria e regozijo)”. Basicamente, a festa está dividida entre religioso e profano.

As características profanas dos festejos são compostas por, além de músicas, danças, shows e bebidas alcoólicas no dia do Pau da Bandeira. A caracterização religiosa conta com as missas na igreja matriz, quermesse, leilões, parque temático infantil e barracas de comidas típicas na praça da estação. A quermesse acontece todas as noites após as missas, sendo um importante espaço de sociabilidade.

Figura 11 - Carroça com a cachaça do Sr. Vigário



Fonte: Imagem da autora (2018).

O terceiro estágio é o momento em que o tronco é transportado do seu local de retirada pelas principais ruas da cidade até chegar à igreja matriz. A carroça com cachaça do Senhor Vigário vai à frente, (Figura 11) e os carregadores acompanham a carroça com o mastro nos ombros, fazendo pausas para descanso durante o percurso. São nesses momentos de pausa que as pessoas ao redor, principalmente as mulheres, fazem um ritual de tocar e/ou sentar no mastro. Segundo a tradição, esse ritual é uma forma de conseguir um marido. Nessa fase da festa ocorre também a maior parte da carnavalização, palcos espalhados pelas principais praças com atrações musicais, barracas de bebidas pelas ruas, vendedores ambulantes, muitos carros com os seus "paredões de som" com músicas em alto volume garantindo a diversão dos participantes, associados a bebidas alcoólicas.

Figura 12 - Carregamento do mastro na praça da igreja de Santo Antônio



Fonte: Fotografia de André Costa (2017).

O quarto estágio é o hasteamento do mastro na frente da igreja matriz (Figura 12), onde ficará fincado até o último dia de festejo, ou seja, no dia que acontece a procissão pelas ruas da cidade, 13 de junho, sendo os festejos finalizados com uma missa na igreja matriz (Figura 13).

Figura 13 - Chegada do andor de Santo Antônio na igreja matriz



Fonte: Imagem da autora (2018).

Nestas circunstâncias, ocorre a parte profana do festejo, devido aos shows, músicas e danças. Há também um alto consumo de bebidas alcoólicas, carros equipados com aparelhos de som em alto volume espalhados nas ruas, palcos com atrações musicais espalhados nas praças e uma espécie de erotização com o mastro fazendo alusão ao “pau do Santo” e, com isso, ganhando uma conotação de duplo sentido. As falas dos participantes expressam que: a mulher que tocar ou fizer chá das lascas do tronco de madeira conseguirá um marido, dado a fama de casamenteiro que Santo Antônio possui. No Brasil, comemora-se o dia dos namorados em 12 de junho, data anterior a que se celebra o dia de Santo Antônio. O historiador Vainfas (2003), a respeito da crença de Santo Antônio, declara que:

No início da Época Moderna, a face doméstica e afetiva de Santo Antônio se concentraria, no âmbito do catolicismo popular, em sua virtude de “casamenteiro”, de santo promotor de matrimônios. “Casamenteiro Santo Antônio, Casai-me!”, eis o que aparece em várias orações. (p. 30)

No ano de 2017, mais um elemento foi acrescentado aos festejos de Santo Antônio. Em uma parceria da Prefeitura da cidade, juntamente com a Escola de Saberes de Barbalha e a paróquia de Santo Antônio, juntamente com alguns comerciantes da cidade que apoiam as celebrações, fornecendo produtos e serviços, é realizado um casamento coletivo para pessoas carentes e que já estavam juntas há muitos anos. Foi feita uma seleção e, após a constatação de que tais casais possuíam poucas condições financeiras para realizar uma cerimônia de casamento, o evento foi realizado e denominado como “O casamento das noivas de Santo Antônio”. Esse tipo de cerimônia passou a ser realizado na Igreja Matriz de Santo Antônio e a recepção acontece na Escola de Saberes, onde ocorre uma confraternização dos noivos com seus parentes e familiares. Izabel, uma das entrevistadas relata um pouco dessa experiência:

[...] A partir desse casamento dessas 13 noivas traz pra comunidade a proximidade das pessoas que querem casar e não tem condição, então a escola de saberes através dos seus editais, faz com que a gente dê essa maravilha pra eles que é esse casamento coletivo, é uma festa muito bonita, essa seleção é feita pela escola de saberes, existe as inscrições, [...] Você tem umas comprovações de que realmente você não tem condições de fazer uma festa, então a escola de saberes promove tudo, desde o sapato da noiva, o vestido da noiva, o buquê da noiva, até a grande festa, com

pétalas de rosas, com buffet, então é muito bonita, existe uma coletividade e eu faço parte também dessa equipe que vem como voluntária ajudar nesse festejo tão grande e que deixa a gente tão feliz, quer dizer, mais um significado de importância pra mim, né, poder ajudar as pessoas a se realizarem no amor, a serem felizes, né.” (Maria Izabel, entrevista pela autora em 26 de setembro de 2018).

Outro destaque da festa vem ocorrendo desde o ano de 2012, quando grupos militantes dos movimentos feministas da região, mais especificamente o coletivo que atualmente é denominado Frente de Mulheres dos Movimentos do Cariri, passou a fazer intervenções na festa (Figura 14), no período da manhã, logo atrás do cortejo das apresentações culturais, a fim de expor os casos de feminicídio e violência contra mulheres. Em relação ao primeiro ato realizado no ano de 2012, sobre o início dos protestos feministas na Festa do Pau da Bandeira, e conseqüentemente o início do coletivo Frente de Mulheres, a autora Soares (2017) aborda que:

“[...] com objetivo de denunciar o caráter falocêntrico de tal espaço e as repercussões da cultura patriarcal para a vida das mulheres. Fundamentalmente reivindicava a possibilidade de recusa aos modelos patriarcais de matrimônio e maternidade, reafirmados pelos festejos populares de Santo Antônio, bem como inscrevia nos corpos a possibilidade de controle e autonomia sobre o corpo e conclamava as mulheres a construir o feminismo na região. Segue as características internacionais de estruturação das marchas: criação de um evento em uma rede social para mobilização das participantes, espontaneísmo nas ações, presença majoritária de mulheres jovens e ausência de articulação com movimentos sociais e partidos políticos da região.” (p. 5)

Hoje, o coletivo é mais amplo, inclusive agregando as pautas do racismo e da diversidade sexual. Essa formação atual possibilita a agregação de coletivos, associações e entidades que tem como objetivo principal “[...] focar na construção da unidade nas lutas contra a exploração/opressão de classe, gênero, raça e orientação sexual na região.” (SOARES, 2017, p. 7).

As intervenções são realizadas para dialogar com a população a fim de expor e reivindicar políticas públicas e punição sobre os altos índices de violência doméstica e assassinatos contra mulheres e homossexuais, travestis e transexuais na região, uma vez que uma das propostas da festa e da simbologia da mesma é que as mulheres encontrem um parceiro recorrendo aos "rituais" feitos a Santo Antônio, possibilitando, assim, uma reflexão a respeito do patriarcado, do

conservadorismo e de que tipos de parceiros essas mulheres procuram e/ou encontram para se relacionar. Diante disso, Soares (2017) aborda que:

A vigilância e a tutela dos corpos femininos se sustentam pelos valores tradicionais do patriarcado, dentre eles, a separação entre público e privado, a valorização da família e da maternidade, bem como a centralidade na religiosidade. Isto conforma as desigualdades entre os gêneros e a submissão das mulheres a essa desigualdade, como também produz uma verdadeira invisibilidade do fenômeno da violência contra a mulher, acompanhado da naturalização de sua impunidade. (p. 1)

Panfletos são distribuídos, palavras de ordem são verbalizadas, e cartazes e faixas são expostos, a fim de produzir uma consciência sobre a igualdade de gênero e tentar impedir a violência contra as mulheres, pois são frequentes os casos de assassinatos dessas por seus ex companheiros.

Figura 14 - Movimento Frente de mulheres do Cariri na Festa do Pau da Bandeira



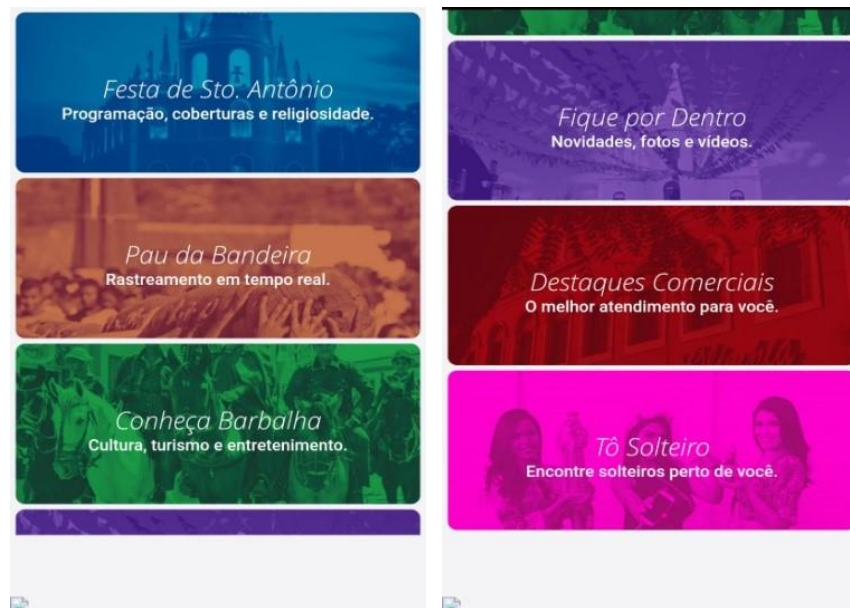
Fonte: Imagem da autora (2018).

Outra novidade que foi agregada à festa, a fim de facilitar e melhorar a interação dos participantes, foi a criação de um aplicativo para smartphones de uso gratuito (Figura 15). A partir desse equipamento, é possível encontrar informações a respeito da festa e acompanhar o cortejo até o hasteamento do mastro.

Na matéria jornalística realizada pelo G1 (2015) sobre o app, descreve-se que os criadores do aplicativo foram dois amigos, o designer Rui Patrício e o analista de sistema Charllison Policarpo. Segundo os criadores, a ideia surgiu movida pela tendência atual de criação de aplicativos o desejo de divulgação da festa de forma inovadora.

O aplicativo conta ainda com indicações de locais para hospedagem em hotéis e pousadas na aba “onde ficar”, bem como com indicações de restaurantes na aba “onde comer”, além da possuir a programação completa das atrações da festa.

Figura 15 - Aplicativo Festa de Santo Antônio





Fonte: App Up Marketing Digital.

O sucesso foi tamanho que uma atualização no aplicativo foi feita, mas com um diferencial da primeira versão. Esta versão conta com uma função “Tô solteiro(a)”, uma espécie de chat, similar ao aplicativo Tinder¹⁴, que tem como função facilitar, ainda que de forma virtual, os encontros e flertes entre os participantes, que se divertem entre as músicas, danças e bebidas no festejo.

¹⁴ O Tinder é um aplicativo de encontros onde o usuário pode conhecer novas pessoas que possuem interesses em comum. Para isso, o programa cruza as informações de perfil com dados de geolocalização e, com isso, sugere possíveis pretendentes que estejam relativamente próximos. (RIBEIRO, 2015)

3 O PATRIMÔNIO CULTURAL NACIONAL E O POVO DE BARBALHA: RELAÇÃO DE DEVOÇÃO E ESTIMA

De acordo com o problema da presente pesquisa, buscamos compreender como a população percebeu os impactos e mudanças que o registro provocou na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio e na comunidade. Sendo assim, na pesquisa de campo, procuramos compreender um pouco sobre cada entrevistado e sua relação com a manifestação, explorando alguns dados como, por exemplo, o tempo de participação, o significado da festa em termos profissionais e/ou pessoais e qual a opinião dos mesmos a respeito do registro adquirido através do IPHAN como patrimônio imaterial brasileiro.

Conforme a proposta metodológica utilizada, o trabalho foi organizado em etapas. Assim, na primeira etapa, selecionamos algumas pessoas para participarem das entrevistas, com o propósito de coletar depoimentos de diversos segmentos: representantes religiosos, membros da organização e participantes em geral. O ideal era que as pessoas fossem de Barbalha, ou pelo menos morassem na cidade, ou, ainda, que tivessem alguma relação na participação e/ou promoção da festa.

Aqui, mais uma vez, pretendo expor algumas considerações em primeira pessoa do singular a respeito da pesquisa de campo. Fui a duas edições seguidas da festa, nos anos de 2017 e 2018, a fim de obter registros fotográficos de sua realização, da procissão, e do cortejo das apresentações dos grupos de cultura. Fui também em outros momentos a cidade de Barbalha, com o objetivo de contactar pessoas que provavelmente seriam selecionadas para a entrevista. Todos os entrevistados foram receptivos ao serem convidados a dividirem as suas vivências a respeito da festa.

Desta forma, as categorias elaboradas foram selecionadas a fim de coletar a opinião dos diversos setores que a festa comporta, como explicado no decorrer do trabalho. Cada entrevistado recebeu um termo de autorização de imagem e depoimento e o assinaram devidamente. O termo foi elaborado a partir do modelo

oficial disponível no site da Universidade, e consta no anexo A. Na segunda etapa, desenvolvemos uma análise prévia do material coletado, de modo a obter um quadro geral de informações a partir de uma leitura flutuante, procurando também identificar as respostas para as perguntas feitas a partir do roteiro das entrevistas.

Na terceira etapa, exploramos o material coletado com mais profundidade, de forma a organizar as ideias contidas nas respostas para interpretação e tratamento dessas informações. O roteiro continha algumas perguntas pontuais. Entretanto, na entrevista semiestruturada, os entrevistados discorreram livremente a respeito de suas experiências com relação à festa.

Dessa forma, ordenamos o roteiro utilizado para as entrevistas, disponível nos apêndices, para demonstrar que foi preciso elaborar categorias em que foram listados os entrevistados com suas respectivas respostas, como exposto no quadro a seguir.

Tabela 2 - Categorias para análise de conteúdo de entrevistados

CATEGORIAS	RESPOSTAS
1. Dados pessoais	
2. A relação com a festa	
3. Tempo de participação	
4. Significado da festa	
5. Significado do Registro	
6. Opinião sobre impactos e interferências	

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

A primeira pergunta foi elaborada a fim de compreender quem são essas pessoas através dos seus dados pessoais, como nome, idade, profissão e endereço. A próxima pergunta foi elaborada a fim de conhecer quais as relações desses entrevistados com a Festa do Pau da Bandeira, ou seja, a relação que diz respeito à função e/ou papel que o sujeito desempenha na festa. Como já exposto, buscamos coletar depoimentos de seguimentos diversificados com o intuito de explorar as mais diversas opiniões. Ao serem questionados a respeito da relação com a Festa, seja

de trabalho e/ou lazer, e/ou fé e devoção a Santo Antônio, os entrevistados deram respostas variadas.

A primeira entrevistada foi a da Luana Maia, 31 anos, que é natural de Crato e reside na mesma. Ela trabalha na área de assistência social. A sua participação na festa é basicamente cultural, é de quem vai a festa em busca por diversão, lazer e cultura, como relatado:

Luana Pereira – “Eu não sou nascida em Barbalha, eu conheço a festa porque ela é muito tradicional aqui na região do Cariri, [...] É uma festa bem grande, bastante considerada aqui pela população, né, porque é uma festa tradicional daqui do município, e assim, eu me agrado bastante da festa porque é uma festa bastante cultural, dá muito valor a cultura daqui da região, e o pessoal da Barbalha é um pessoal muito ligado a cultura né, eles tentam guardar o máximo que podem da cultura, então assim, eu acho muito bonito, eu acho bem interessante essa perpetuação da cultura que eles fazem aqui.” (Luana Pereira, entrevista realizada pela autora em 20 de setembro de 2018).

A segunda entrevistada foi a de Karoline Vieira, 25 anos, natural da cidade de Barbalha onde também reside. Ela trabalha com venda de livros. Ao responder essa mesma pergunta, Karoline relata que:

Karoline Vieira – “Eu sempre fui com a minha família, desde de pequena, mas só pra aquela parte do cortejo, e foi sempre o que eu mais gostei, eu nunca fui muito ligada na festa depois daquilo, que é a parte da tarde da festa, [...]. Mas é isso assim, até hoje é.. eu vivo a festa mais por esse lado cultural mesmo, prefiro sempre ir pela manhã, é.. nos últimos anos eles começaram a fazer a terreirada cearense, que aí já é outra proposta de levar cultura pro momento da festa, pro meio da festa, eu lembro que há dois anos eles propuseram uma quadrilha no meio da rua principal antes de passar o pau, e aí era muito legal notar a surpresa da galera que não tá acostumada com aquilo, enfim desde de pequena a minha proximidade maior com a festa é sobre com essa parte cultural, e só. Nunca sentei no pau, nunca bebi o chá.” (Karoline Vieira, entrevista realizada pela autora em 22 de setembro de 2018).

Percebemos na fala de Karoline que sua participação também é motivada pelo lazer, mas diferente da Luana, Karoline participa da festa desde a infância, sob a influência dos pais. Notamos em seu relato que a sua participação era recorrente apenas no cortejo dos grupos culturais locais, ou seja, apenas no período da manhã, o qual ela considera ser “a parte cultural” da festa. Luana e os demais entrevistados, entretanto, consideram a festa como cultural (isso inclui todas as etapas, desde o cortejo dos grupos culturais locais, ao carregamento e hasteamento do tronco, que é o símbolo da fé e devoção ao santo padroeiro da cidade, até os espaços que comportam música e dança nas ruas adjacentes a Rua do Video).

Por tanto, percebemos diferentes percepções do que significa cultura e/ou festa para os diferentes participantes. Quando o autor Guarinello (2001) questiona “O que é festa?” em seu texto “Festa, trabalho e cotidiano”, o autor nos mostra que não existe um conceito adequado ao que seja uma festa. Como um termo vago ele pode ser aplicado a várias situações na sociedade. E ainda aponta que:

“[...] contudo, essa concepção quase intuitiva de festa choca-se, frequentemente, com a diversidade de interpretações de um mesmo ato coletivo: o que é festa para uns pode não ser para outros. Pode ser descrito como baderna, bagunça, manipulação, como a morte da própria festa. Um baile funk é uma festa? Um comício eleitoral? Um show de rock? Uma procissão religiosa? Os sentidos que o próprio senso comum atribui a festa são, dessa forma, bastante fluidos, negociáveis, contestáveis. (GUARINELLO, 2001, p. 969)

Ao refletir sobre o conceito de festa, o autor nos traz a reflexão de que ela pode ter significados distintos para diferentes pessoas. Percebemos isso nos relatos e no significado da Festa do Pau da Bandeira para cada entrevistado. Para os demais, a festa como um todo é cultural, mas para Karoline o cortejo significava o que a festa tinha de cultural. Ao longo da entrevista, Karoline relata a sua mudança de percepção sobre este aspecto. Ela nos conta que na idade adulta começou a frequentar a parte do carregamento do mastro, ou seja, a “parte da tarde”, e foi quando ela começou a ter outra relação com esta fase da festa, que incluía o carregamento do pau da bandeira:

“[...] de 2016 pra cá foi que eu fiquei mais próxima de participar de coisas da festa mesmo, até mais consciente do que era aquilo tudo, [...] Porque pra mim era só bagunça de tarde, aí em 2016 que eu tive mais proximidade de viver mais a festa mesmo.”(Karoline Vieira, entrevista realizada em 22 de setembro de 2018).

Leandro dos Santos, de 29 anos, reside na cidade do Crato, mas é natural de Barbalha, trabalha como radialista e professor. Quando interrogado a respeito da sua relação com a festa, ele responde:

Leandro dos Santos – “A minha relação com a festa é de admirador, grande defensor dessa festa cultural, folclórica, religiosa que acontece na cidade de Barbalha, acompanho ela desde criança, estudei a festa, porque o meu tcc, meu trabalho de conclusão de curso foi sobre a festa de Santo Antônio, as oportunidades de lazer que ela oferece ao público barbalhense e aos visitantes que vem a nossa região nesse período. E de apaixonado pela cultura, acompanhando sempre todos os anos pela manhã o cortejo folclórico, de acompanhar de perto o cortejo do pau da bandeira. [...] Então sou um defensor dessa festa, do seu valor religioso, do seu valor cultural, um devoto de Santo Antônio, e assim sigo todos os anos durante esse

período junino em Barbalha, acompanhando o cortejo do pau da bandeira, participando de algumas trezenas e da mesma forma que participo na abertura da festa [...] No dia 13 também a gente tem que tá lá presente, [...] Então é isso, é viver intensamente a festa em todos os seus dias de celebração, ano após ano.” (Leandro dos Santos entrevista realizada pela autora em 9 de outubro de 2018).

Também entrevistamos Thiago Lavor, 30 anos, residente em Barbalha e professor de Educação Física. Atualmente, Thiago é carregador do Pau da Bandeira. Ao ser questionado, responde:

Thiago Lavor – “A minha relação com a festa do pau da bandeira ela é antiga, né, praticamente eu morei, eu moro em Barbalha desde que eu nasci, então já tá praticamente no sangue, né, no meu sangue barbalhense, a festa do pau da bandeira, então ela é uma relação antiga, e por ser antiga acho que deixa a gente um pouquinho mais empolgado quando chega essa época do ano, da festa, de querer participar de tudo, num perder nem, desde o corte do pau da bandeira até a chegada do dia da festa.” (Thiago Lavor, entrevista realizada pela autora em 20 de setembro de 2018).

Inferimos através dos relatos de Leandro, de Thiago e de Karoline, que os mesmos são naturais de Barbalha e acompanham a festa desde a infância influenciados pelos pais. Como exposto, Karoline se relacionava mais precisamente com o cortejo e apresentações dos grupos culturais locais no período da manhã. Ela procura lazer e a oportunidade de presenciar as apresentações dos grupos culturais locais. Já Leandro, bem como Thiago, participam de todas as etapas. Eles consideram todas as etapas importantes, também pelo fato de ambos serem devotos de Santo Antônio, como relatado. Este último aspecto faz com que suas percepções e admiração pela festa tenham uma dimensão ampliada.

Como informado, Thiago é carregador do pau da bandeira. Seu depoimento é carregado de emoção. Podemos observar esse sentimento quando ele relata que, como um devoto de Santo Antônio e admirador da festa, se relaciona de duas formas: primeiramente como devoto, acompanhando todas as etapas, assistindo o cortejo dos grupos culturais, o novenário, a procissão e a missa de encerramento; e também como carregador. Atualmente, Thiago participa com a organização/logística do corte e cortejo do mastro.

As duas próximas entrevistadas foram Maria Izabel Leal e Maria Aparecida. A Maria Izabel é natural do Crato e reside em Barbalha, é bibliotecária da Biblioteca Pública Municipal. Já a Maria Aparecida Vieira, 40 anos, é natural de Barbalha e também reside na mesma, trabalha como secretária na Secretaria da Paróquia de

Santo Antônio. Ao serem questionadas a respeito da relação com o festejo, elas respondem, respectivamente:

Maria Izabel – “A minha relação com a festa é por conta que eu trabalho aqui na secretaria de cultural, né, então essa festa é bem próxima, até porque todos nós aqui da secretaria nesse período, né, a gente se mobiliza, o grupo se torna uno, né, e todos nós nos mobilizamos, tanto na parte de decoração da festa, como na parte da produção da festa, então eu faço parte da festa há alguns anos, né, e fico sempre com a questão dos reisados mirins, [...] Então minha relação é bem próxima, é... dessa festividade tão grande pro nosso município, né.” (Maria Izabel, entrevista realizada pela autora em 26 de setembro de 2018).

Maria Aparecida – “Com o pau da bandeira em si a gente tem uma relação é direta, do ponto de vista do trabalho, né, como a festa principal, a original partiu daqui, dos princípios religiosos, né, então mesmo que agora, atualmente tendo ela se tornado uma festa muito grande, e a prefeitura da cobertura a esse dia em especial, né, que é o dia do pau da bandeira, mas é a paróquia quem, a paróquia a gente aqui da secretaria paroquial é quem define a data, que vai da mais certo, que vai ser melhor, que vai ser adequada né, geralmente entre o último domingo do mês de maio ou o primeiro domingo do mês de junho, porque é a partir daí que a gente vai organizar o novenário e tudo, então é o momento da abertura dos festejos, então tá diretamente ligada a religiosidade, né, a paróquia, a secretaria paroquial e a igreja.” (Maria Aparecida, entrevista realizada pela autora em 26 de setembro de 2018).

Percebemos nas falas de Maria Izabel e de Maria Aparecida que ambas se relacionam de forma profissional com a festa. Profissional no sentido de que ambas são funcionárias de setores que promovem e organizam a festa. Izabel participa da organização/produção, mais especificamente com a organização do cortejo dos grupos de reisados mirins, e Maria Aparecida se relaciona com a organização/produção na paróquia como o novenário, e a escolha da data da festa.

A próxima pergunta foi elaborada a fim de saber há quanto tempo essas pessoas participam da manifestação, percebemos que os relatos variam pouco. Apenas uma pessoa respondeu que a sua ida à festa é mais recente. Os demais participam desde a infância ou pelo menos há quase dez anos.

Luana Maia – “Eu participei há uns 4, 5 anos atrás mais ou menos, aí depois não vim mais, e agora tem dois anos que eu venho. [...] aí o primeiro momento que eu tive na festa foi com uma turma de amigos, creio eu com uns 5 anos atrás, né, depois disso eu só vim retornar a festa agora há dois anos atrás por causa do Tiago, né, que por ele ser daqui eu acabo vindo bastante pra cá.” (Luana Maia, entrevista realizada pela autora em 20 de setembro de 2018).

Karoline Vieira – “Então é isso, desde muito pequena, acho que desde os 6 anos, minha irmã já me levava pra ver essa parte da manhã [...] Eu sempre

morei, por um tempo eu morei no bairro do Rosário, pertinho da igreja do Rosário, que é onde o pau passa, aí depois eu morei um pouco por duas ruas do parque da cidade, [...] então sempre vivi perto da festa, né.” (Karoline Vieira entrevista realizada pela autora em 22 de setembro de 2018).

Leandro dos Santo – “ Eu participo da festa desde criancinha, desde pequeno, minha mãe é barbalhense, meu pai é piauiense, mas ele disse que quando chegou em Barbalha foi justamente no período de festa de Santo Antônio, então se envolveu já com a festa também, e é dessa forma, tenho 29 anos hoje e acredito que de todas as edições eu estive presente desde criancinha no colo dos meus pais.” (Leandro dos Santos, entrevista realizada pela autora em 9 de outubro de 2018).

Maria Izabel – “Há 9 anos vai fazer agora em novembro, dia 2, que eu estou participando da festa, desde quando eu entrei aqui na secretaria de cultura como concursada, então a gente sempre foi bem participantes, só que dos últimos anos pra cá com mais intensidade, de 2008, 2008 foi quando eu entrei, e assim, de 2010 pra cá foi com mais efetividade, com mais carinho porque eu também me envolvi com essas pesquisas, então tive a condição de me aproximar mais com o pessoal que trabalha na produção do evento, então inúmeras vezes é... eu estive bem afrente dessas relações, da festa com o público, da festa com a biblioteca, então até a biblioteca se torna um espaço, né, propriamente de organização da ornamentação da festa.” (Maria Izabel, entrevista realizada pela autora em 26 de setembro de 2018).

Maria Aparecida – “Aí faz um tempinho já, viu, porque eu participo na verdade desde pequena, né, acredito que na cidade todas as pessoas que nascem aqui já participam, né. Então eu já to aqui já com uns 40, então já faz um tempinho, né. [...] E já tem um tempinho, muito tempo que eu participo.” (Maria Aparecida, entrevista realizada pela autora em 26 de setembro de 2018).

Tiago Lavor – “Então o tempo que eu participo é desde a infância, né, [...] Mas, com o passar nos anos eu fui realmente entendendo como era o processo do cortejo, e a partir dos meus 16 anos comecei a ir mais com frequência ao local do carregamento, mas de participar mesmo efetivamente da festa, do cortejo foi desde 2012, comecei a ir para os cortes do pau, comecei a percorrer junto todo o trajeto desde a mata até aqui no largo da matriz, então desde 2012 eu participo mesmo fervorosamente do cortejo do pau, como um carregador. Em 2013 eu tive o prazer, e com muito medo também, porque dá um pouquinho, de carregar o pau da bandeira pela primeira vez, foi uma sensação assim que eu não consigo descrever, mas que foi um prazer enorme tá participando, carregando, depois com o passar dos anos a gente vai entendendo um pouquinho mais de como funciona o cortejo, né, [...] Mas desde 2012 eu tenho essa frequência no pau da bandeira.” (Tiago Lavor, entrevista realizada pela autora em 20 de setembro de 2018).

Percebemos através dessas respostas que as pessoas nascidas na cidade de Barbalha participam desde a infância, seja no cortejo no período da manhã, no caso da Karoline, seja em todas as etapas da festa, o que é o caso de todos os entrevistados, exceto a Izabel, que se relaciona com a festa a partir do momento em

que passa a trabalhar na biblioteca pública da cidade e que não é natural de Barbalha.

Assim, com exceção de duas pessoas (Luana, que acompanha a festa há cinco anos, e Izabel, que participa há nove anos), todos os outros entrevistados acompanham a festa desde a infância, período em que iam acompanhados pelos pais, e, posteriormente, passam a ir devido à necessidade de cumprir alguma função específica, como carregadores ou como funcionários da paróquia, por exemplo, por vezes mesclando seus papéis de organizadores com os de expectadores. Constatamos ainda uma relação de fé, por devoção à Santo Antônio: quatro entrevistados expressam essa relação.

Um fato interessante que ocorreu durante a entrevista com o Tiago e que gostaríamos de abordar foi quando o mesmo mencionou uma promessa que fizera a Santo Antônio. Conforme a entrevista ia acontecendo, propusemos que ele discorresse sobre este episódio.

“É que é assim, a ideia da promessa, era eu participar do corte do pau da bandeira, ou participar do cortejo, mas não participar do cortejo inteiro, tipo, está no momento da saída, no momento da chegada, poder presenciar juntamente com os outros carregadores o momento da festa. Só que enquanto o pedido não era, não acontecia, né, não me mandavam essa mulher maravilhosa, eu participava do cortejo inteiro né. Então, antes disso ser realmente atendido eu ia pro pau da bandeira quando dava. Porque as vezes coincidia com o horário de trabalho, [...] Mas, ter essa promessa paga, né, todos os anos, ou ir pro cortejo ou ir pro corte do pau da bandeira, pra poder pagar a promessa a Santo Antônio que eu fiz se ele me mandasse uma namorada, eu participaria de algum momento da festa. Então, estou aí há dois anos pagando essa promessa, agradecendo.” (Tiago Lavor, entrevista realizada pela autora em 20 de setembro de 2018).

Tiago conta que fez promessa a Santo Antônio pedindo uma namorada. Como já exposto, na festa do pau da bandeira existe este apelo por promessas e rituais para aqueles que procuram por um parceiro(a) afetivo devido a fama de casamenteiro que Santo Antônio possui. Sua promessa consistia em participar de algum momento da festa em forma de agradecimento após a graça alcançada. Ele relata que há dois anos está participando da festa já com sua promessa atendida, pois é noivo da também entrevistada Luana. Ela relata também que sua assiduidade na festa se deu por conta do seu relacionamento com o mesmo.

No próximo questionamento procuramos identificar qual o significado da festa do Pau da Bandeira para essas pessoas, ou seja, qual o sentimento que cada um

nutre pela manifestação. As respostas variam pouco. É quase unânime as respostas tratarem da festa como uma importante fonte de cultura e identidade da região.

Luana Maia - “Ela é meio que a perpetuação da cultura daqui da região, né, eu acho que a gente realmente assim que tentar permanecer pra não deixar, né, porque hoje em dia, tanta gente assim num tem tanta atenção pra cultura da região, não apoia ou não entende, né, e a festa de Barbalha ela é uma festa bastante grande né, muita gente assim até de outros países já vieram aqui pra tentar fotografar pegar um pouco dessa cultura, acho que pra apresentar em outros locais, pra mostrar o que tem aqui, então creio eu que seja isso, é a perpetuação da cultura assim de um povo, que tem uma história.” (Luana Maia, entrevista realizada pela autora em 20 de setembro de 2018).

Karoline Vieira - “Até esse período em que eu não vivia a festa de uma forma mais crítica assim, antes da universidade pode dizer assim, era mais um período de... era a desculpa anual pra tá junto com a família né, que vinha a família de longe, que vinha amigo de longe e tal, mas principalmente a família, e aí desde pequena eu tinha esse sentimento massa de querer que os primos fossem ver as tradições daqui, as culturas daqui, né, então eu criança ainda, e adolescente era muita essa relação mesmo, é o momento que eu sabia que ia encontrar a família, e que eu ia mostrar pra eles essa coisa da festa, do que era a nossa história, a nossa cultura. [...] Hoje é mais uma relação de sentimento mesmo assim, eu vejo o quanto aquilo é importante pra muita gente, que aquilo esteja acontecendo, [...] Eu só achava massa assim que todo mundo viesse e conhecesse “essa é a nossa festa” e aí desses últimos anos pra cá passou a ser isso, passou a ser um desejo meu mesmo assim, quando as pessoas veem eu quero que todo mundo conheça e vir pra festa, [...] Bebendo a cachaça do vigário, e assistindo missa inclusive, até a missa é diferente, é isso eu passei mesmo a viver assim a festa, provavelmente quem vem de fora nem vai entender tanto ou vai as vezes a gente acaba esbarrando em muita gente que valoriza muito mais do que a gente, eu passei muito tempo sem entender o que era aquilo que acontecia, mas hoje é muito isso assim, eu acho massa ir ver. [...] Mas aí a experiência da festa mudou totalmente, tanto que eu nunca gostei, e continuo não indo pro parque, por exemplo, aquele espaço de festa, porém ainda tem as tradições de lá, que é comer a tapioca da moça, que é ir comer o filhós, assim tudo isso, hoje eu vejo como a história do povo, é muito massa, e são sempre as mesmas pessoas, se for lá é sempre a mesma senhorinha na mesma barraquinha, virou parte da história, é sempre o mesmo povo, hoje é mais essa relação de entender o sentimento a festa” (Karoline Vieira, entrevista realizada pela autora em 22 de setembro de 2018).

Leandro dos Santos - “A festa de Santo Antônio significa pra mim a maior manifestação folclórica, cultural, religiosa que Barbalha pode proporcionar, hoje ela tem uma realidade bem diferente de quando ela começou, era um outro nível, a gente sabia muito bem que só atingia a cidade de Barbalha, mas hoje não, ela tem um âmbito mundial, muita gente bem a Barbalha conhecer essa festa e o que significa pra mim é isso, uma grande manifestação cultural do povo de Barbalha, tanto pra quem mora na cidade apreciar, como também os visitantes que vem a Barbalha durante esse período junino” (Leandro dos Santos, entrevista realizada pela autora em 9 de outubro de 2018).

Maria Izabel - “A festa do pau da bandeira significa muito pra mim, é muito especial, né, essa festa, eu sou do Crato e eu nunca tinha vindo participar

até vim morar em Barbalha eu conheci a festa, mas nunca tinha vindo participar da festa, e esses anos todos eu participo de uma forma bem efetiva, e essa festa tem um significado muito grande, principalmente pra cultura, né, tem um significado muito grande, como eu gosto muito de cultura, tenho uma afetividade pessoal com relação a isso, inclusive até desenvolvo trabalho nessa área, o pau da bandeira é de suma importância porque tem o engrandecimento muito grande dos grupos de tradição e enfoca muito a questão da religiosidade, então essa religiosidade na festa ela é muito pertinente, então ela é de sua importância pra mim nesse contexto de estudo, de pesquisa e principalmente da valorização que se dá nesse período aos grupos de tradição, que são parte de fomento mesmo da festa [...]”. (Maria Izabel, entrevista realizada pela autora em 26 de setembro de 2018).

Maria Aparecida - “É... eu nem teria a palavra certa pra especificar o que ela representa, sabe. Porque é uma junção de muita coisa, né, são várias emoções juntas, é a fé que a gente faz porque acredita, participa porque acredita, faz porque acredita no padroeiro, no Santo Antônio, né, ao mesmo tempo que juntando a esse sentimento de fé, vem o reencontro com os amigos, num dia de você sair, de você ver muita gente, de ver gente diferente na cidade, visitando e tudo, então quer dizer, é um dia inteirinho de muitas emoções boas, positivas.” (Maria Aparecida, entrevista realizada pela autora em 26 de setembro de 2018).

Tiago Lavor - “Tudo. Da religião, da cultura, da fé, porque não envolve só o pau da bandeira, né, envolve também a questão da religiosidade que é o santo, que é o padroeiro da nossa cidade, e participar tanto do pau da bandeira, quanto das trezenas de Santo Antônio, da parte cultural, né, que vai pra quermesse, tem a parte artística, né, que ultimamente eu não tô participando tanto porque foge um pouquinho do gosto musical. [...] Envolve tudo, envolve a fé, envolve a cultura, envolve o prazer de tá participando dessa festa por ser barbalhense, então acho que envolve tudo.” (Tiago Lavor, entrevista realizada pela autora em 20 de setembro de 2018).

Todos os entrevistados mencionaram que a festa é muito importante para a cultura da região e que, através da mesma, a sua cultura ganha mais representatividade, tanto para os que produzem quanto para os que vão participar. Dois deles, Maria Aparecida e Tiago, também responderam que a fé e a devoção por Santo Antônio são elementos significativos da manifestação. É possível perceber nos relatos que a festa é um momento de reencontro com os parentes que moram longe da cidade e também de amigos, ou seja, é um momento de reunir os barbalhenses como um todo, e de mostrar para quem vem à cidade no período da festa as tradições culturais e religiosas da região.

Diante desses depoimentos percebemos que os entrevistados percebem a importância da festa na cidade e em toda região do Cariri. Que esse é um momento de lazer, diversão, fé e “manutenção” da cultura local.

Como já exposto no decorrer do texto o conceito de bens imateriais, e os suas variadas categorias, como os bens culturais, artísticos, expressões ou os modos de fazer, bem como a importância que estes bens representam sobre a diversidade da cultura nacional para a sociedade brasileira. Também debruçando a respeito da importância que o registro tem para legitimar através de políticas públicas esses patrimônios imateriais. Brayner (2012) explana a respeito do significado o processo de Registro para esses patrimônios:

Tem como efeito a obrigação, por parte do poder público, de documentar e dar ampla divulgação a esse bem, de modo que toda a sociedade possa ter acesso a informações sobre sua origem, sua trajetória e as transformações por que passou ao longo do tempo; seus modos de produção; seus produtores; o modo como é consumido e como circula entre os diferentes grupos da sociedade, entre outros aspectos relevantes. Ou seja, consiste na identificação dos significados atribuídos ao bem e na produção de vídeos ou material sonoro sobre suas características e contexto cultural. (BRAYNER, 2012, p. 23)

Dessa forma, as autoridades competentes perante um patrimônio imaterial registrado devem contribuir na identificação e divulgação do patrimônio imaterial, bem como acompanhar as mudanças e ressignificações que o bem recebe e acrescenta ao longo dos anos. Ao questionarmos a respeito do significado do Registro que a festa recebeu através do IPHAN, como um bem imaterial nacional, de uma forma ou de outra, através das suas percepções do que é Registro, obtemos as seguintes respostas:

“Eu não sei se é... se é muito real isso, o que eu ainda percebo nas pessoas, que é a questão que a gente tem muita facilidade valorizar o que não é nosso, e não precisa necessariamente ser for do país, né, a gente adora outras culturas, adora outros carnavais, e aqui normalmente quem gosta muito, quem vive muito é quem é da cidade, quem construiu ... então eu sempre achei muito que a gente não ligava, e não era só eu, que a gente nunca ia valorizar se não chegasse num momento desse, de nacionalmente esse momento da história da rotina de Barbalha acontecer de ser reconhecido. [...] Precisei mesmo assim, estudar e entender que isso era importante, precisei ouvir de muita gente, e eu ainda achava isso, quando a gente tende uma nomeação dessa, eu pensava, eu lembro que no começo eu pensava: agora todo mundo vai reconhecer, agora todo mundo vai achar que é importante, agora todo mundo vai viver a festa de forma diferente, assim como eu passei a viver também de uns tempos pra cá. [...] mas aí depois é... eu comecei a pensar assim: é importante, mas ainda tem muito, assim pra que a gente entenda, que isso é história assim, isso é história da cidade mesmo, isso é a história do Cariri”. (Karoline Vieira, entrevista realizada pela autora em 22 de setembro de 2018).

Karoline fala que quem valoriza a manifestação são as pessoas da cidade, aquelas que constroem a festa, e que as demais pessoas da região, a seu ver, não

reconhecem a manifestação num sentido de bem cultural, artístico e/ou religioso. Para ela, só a partir do Registro é que essas pessoas passariam a valorizar e ampliar sua percepção sobre a festa de uma outra forma, assim como aconteceu com ela.

Em relação ao relato anterior, percebemos nas próximas falas uma diferença na percepção do significado do Registro da Festa do Pau da Bandeira. Para outros, o Registro chega como um acréscimo para o que a comunidade já considera um bem representativo da cultura, religiosidade e tradição local.

“Eu acho que pra o município é assim, é um ganho, né, porque assim por eu não ser da área eu não sei, mas acho que na região eu acho que é a primeira festa, festa assim no sentido comemorativo, que entra com esse registro, eu não tenho certeza, tô falando como leiga, aí creio eu, né, que se essa minha ideia tiver certa, pra o município em si em bem valioso, porque é o reconhecimento de uma cultura é a perpetuação dessa cultura” (Luana Maia, entrevista realizada pela autora em 20 de setembro de 2018).

Luana acredita que para o Cariri o Registro foi um reconhecimento, por ser a primeira festa a obter um registro do estado, uma atitude importante para o festejo e para todas as pessoas que fazem e participam de sua realização.

Leandro dos Santos - “O registro da festa na minha opinião, permite que ela seja realizada cada vez mais com organização, segurança, planejamento e valorizando essa manifestação popular, envolve os grupos folclóricos, envolve a religiosidade, os carregadores do pau da bandeira, e além disso dá uma guinada na situação econômica da cidade, muita gente vem se hospeda aqui, [...] Então acredito que esse registro da festa faz com que Barbalha se iguale a essas outras duas cidades em nível de importância cultural, não só para nossa região, como também para o nosso país.” (Leandro dos Santos, entrevista realizada pela autora em 9 de outubro de 2018).

Maria Izabel - “O registro mudou, né, de 2015 pra cá, mudou muita coisa porque teve um reconhecimento, não só aqui dentro da cidade, mas um reconhecimento a nível nacional, reconhecimento maior, [...] nós que fazemos parte da secretaria nos sentimos assim extremamente felizes, porque era merecido realmente esse registro, [...] A partir do registro os grupos se sentiram mais fortes, se sentiram mais valorizados a partir do registro, e a festa se tornou maior, ela tem uma representatividade muito maior pra comunidade de Barbalha.” (Maria Izabel, entrevista realizada pela autora em 26 de setembro de 2018).

Maria Aparecida - “De qualquer forma, é... tornando-se ainda mais importante pra gente e conhecido nacionalmente ou internacionalmente, né, quer dizer, dá uma divulgação bem maior daquilo que já existe que já é divulgado, mas aí dá uma ênfase maior, né.” (Maria Aparecida, entrevista realizada pela autora em 26 de setembro de 2018).

Tiago Lavor - “Quando saiu o registro, né, acho que todo mundo da cidade que participa da festa ou que já participou da festa, foi uma festa, né, outra festa pra festa. Porque foi um reconhecimento de longa data, né,

praticamente uma festa centenária e conseguir esse registro pra gente foi emocionante. Porque a gente nunca imaginava, eu particularmente não imaginava que poderia chegar a esse momento, [...] Foi uma sensação maravilhosa de receber esse tombamento, né”. (Tiago Lavor, entrevista realizada pela autora em 20 de setembro de 2018).

Organização, segurança, divulgação e reconhecimento são termos bastantes mencionados nesses quatro relatos. Leandro por sua vez, fala que o registro é importante para que a festa tenha mais organização e segurança, uma forma de torna-la mais organizada e angariar também mais visibilidade no país, não só na região. Maria Izabel discorre que o registro contribuiu para uma maior representatividade para a população, assim como o Tiago que também considera o reconhecimento para a população e para toda região. Maria Aparecida acredita que o registro contribuiu com a divulgação da festa, agora que esta passa a ser reconhecida nacionalmente como patrimônio brasileiro.

Todos responderam que esse reconhecimento como patrimônio cultural nacional foi muito importante, pois a comunidade se sentiu mais prestigiada, valorizada perante esse novo status.

Por fim, abordamos sobre os impactos e interferências que o registro produziu na manifestação, ou seja, se era possível perceber alguma mudança após esse marco na história da festa.

Luana Maia - “Há uns quatro anos atrás eu achei desorganizado, mas assim, atualmente estou achando bem mais organizado, eu percebo que eles tentam ao máximo assim, é, cuidar da segurança de quem vem, de quem carrega o pau, até assim pela questão assim de alguns históricos, né de acidente de carregadores, então assim, eu percebi a questão de mais segurança, de mais valorização, por mais pessoas tentando entender melhor a festa, acompanhar melhor a festa, então eu acho que o tombo favoreceu a festa nisso, de trazer mais olhares pra festa, de dar a cidade um título bem importante na área da cultura e na área da história, e na questão de voltar os olhos da responsabilidade assim, né, pra quem tá envolvido nessa festa, que é o cuidado na segurança. Que assim, não é algo que parte de quem organiza a festa, acho que é por parte da população que há ainda a questão conscientização da educação, em relação ao comportamento na festa, porque recentemente, por exemplo, proibição de paredões na hora do cortejo, que antigamente parece que ligava, né? E hoje em dia não, porque é pra deixar o foco em quem tá fazendo o trajeto do pau e tal [...] talvez as escolas pudessem fazer esse papel, de divulgar a festa, de divulgar o tombo pra que eles entendam o que a festa é agora para o município e para a região, [...] Então eu acho que divulgar mais a questão do tombo, porque as vezes a gente se depara com pessoas que não sabem, né, e tentar conscientizar mais a população em relação ao que a festa realmente quer trazer e quer tratar, acho que era

isso.” (Luana Maia, entrevista realizada pela autora em 20 de setembro de 2018).

Karoline Vieira - “ Eu acho que tá sendo massa isso, de a gente trazer muita gente para aqui discutir essa história todinha aqui, inclusive desde 2016 teve, não sei se em 2015 teve, mas nesses últimos três anos teve muita gente vindo de fora, muita gente de casa também, vindo discutir a história, e eu acho muito importante pra academia e que tá acontecendo em Barbalha, né, não são encontros que se resumem a gente ir pra universidade, né, os espaços de Barbalha sendo mais ocupados né [...] Mas é isso, eu percebo, lógico que esse é um período que a cidade se destaca, mas eu percebo que de alguns anos pra cá, no caso eu vivendo esses três últimos anos, é... a cidade ficou muito, muito bonita, ela tá viva durante muito tempo mesmo antes da festa e pós festa, mas ainda nisso, a gente precisa viver mais com a cidade, com as pessoas da cidade, tá lindo vindo gente de fora vindo pesquisar, vindo estudar, mas a cidade ainda precisa viver melhor e entender o porquê, né, de um reconhecimento tão grande.” (Karoline Vieira, entrevista realizada pela autora em 22 de setembro de 2018).

A respeito dessas duas falas percebemos que ambas, Luana e Karoline, tocam em um assunto pertinente a Museologia, a interação de forma educacional entre o bem cultural local e a população, seja em ambiente escolar, educativo, ou para a população de uma maneira geral, ou seja, a educação patrimonial¹⁵.

“Bom, o impacto causado pelo registro é que deu uma nova roupagem, uma coisa mais segura, mais formal, e de outro lado tirou um pouquinho essa liberdade que o barbalhense tinha de fazer a sua festa a vontade, como era no início, que agradava a todos e não causava problemas a ninguém, hoje a gente percebe que não dá mais pra ser como era no princípio, tem que ter uma organização, um planejamento pra que possa comportar os visitantes, pra que possa acontecer os eventos de forma segura e de qualidade pra quem vai acompanhar, e dessa forma é fazer com que a cidade toda participe, é uma festa pro barbalhense, é uma festa pro visitante, e é uma festa feita pelo povo barbalhense, não é apenas um órgão que chega e decide o que será feito, não, é o povo da Barbalha que cria, que planeja, que executa que depois avalia essa festa, essa é minha opinião e acredito que com essa formalidade, com esse registro da festa passa a ser um valioso tesouro nacional num âmbito cultural que fará com que a festa cresça cada vez mais na minha opinião de uma forma que não fuja da suas raízes, que é louvar o padroeiro da cidade e apresentar ao público brincante as manifestações culturais existentes na cidade de Barbalha, como também proporcionar lazer ao povo barbalhense e aos visitantes durante período de festejos e louvores a Santo Antônio.” (Leandro dos Santos, entrevista realizada pela autora em 9 de outubro de 2018).

Leandro toca num ponto interessante. Ele percebe como impacto, mudança após o registro, que a festa recebeu mais segurança, planejamento e mais

¹⁵ “Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural.” (HORTA, p. 6, 1999)

formalidade, o que, segundo o mesmo, remove, por um lado, um pouco da espontaneidade da festa, que é realizada e organizada pela ação combinada da população, prefeitura e a paróquia da igreja de Santo Antônio. Porém, Leandro percebe que pela dimensão que a festa possui, atualmente é necessário haver mais planejamento e segurança para que a manifestação comporte os visitantes de forma segura. No tocante a questão de uma estrutura rígida a ser seguida, para comportar a segurança da população, Tiago fala a respeito do seu ponto de vista em relação as mudanças percebidas por ele:

“[...] e também em relação a forma como mudou estruturalmente a festa, né, porque o que acontecia há dez anos atrás até em relação a pouca segurança pra mais de 200 mil pessoas numa cidade pequena, você não sabe de onde sai tanta gente e onde cabe tanta gente na cidade, então acaba que precisando, necessitando de uma segurança maior, de uma estrutura maior pra poder atender quem vem de fora, tanto pra quem já é da cidade, então houve realmente de 2015 pra cá uma mudança extremamente forte em relação a essas mudanças, porque por exemplo, há dez anos atrás você não conseguia ouvir o que é que o puxador do carro de som com o pau da bandeira estava tentando falar com os carregadores, porque chegava na Rua do Video, né, que é o que a gente chama o corredor cultural, né, e a gente não conseguia entender o que ele estavam falando por causa dos paredões, né, era pedido pra baixar, mas não funcionava, então o que era que acontecia, no meu ponto de vista o paredão ele desvirtua a festa, as músicas tocadas em paredões eles desvirtuam a parte cultural da festa de Santo Antônio de Barbalha do carregamento do pau da bandeira. [...] Os palcos que ficam distribuídos na cidade justamente pra tirar um pouquinho a atenção da Rua do Video, pra não ficar todo mundo na Rua do Video.” (Tiago Lavor, entrevista realizada pela autora em 20 de setembro de 2018).

Izabel também levanta uma questão pertinente, a respeito dos cortes dos troncos de árvores que serão utilizadas posteriormente para a realização do cortejo do Pau da Bandeira:

“A partir do registro outros cuidados que já vinham sendo, cuidados, mas foram sendo mais fortemente trabalhados que é justamente o cuidado maior com a árvore que vai ser escolhida, entendeu? Os meios de sustentabilidade sempre estavam presentes, mas a partir do registro se tornou uma coisa mais forte, mais presente, né, o impacto pra natureza tem sido bem menor por conta dessa prévia, a cidade se organizou mais, se preparou mais no seu nível tanto de limpeza, de organização do evento, de saber que tem mídia de praticamente do Brasil inteiro aqui, nesse evento, então teve uma organização muito maior no meu entendimento, da festa [...] Com o registro tudo melhorou, o contexto da festa melhorou na sua totalidade, sabe? [...] Então existe uma série de fatores que só vieram a contribuir para melhoria da festa como um todo, como evento maior, né, esse é meu entendimento.” (Maria Izabel, entrevista realizada pela autora em 26 de setembro de 2018).

Maria Aparecida, ao responder à questão, reflete um pouco, e em seguida aborda que não tem certeza sobre quais melhorias esse registro pode trazer pra manifestação. Mas, em seguida, fala a respeito da divulgação da festa, acredita que como a festa se tornou patrimônio nacional, possibilita a divulgação, podendo até surgir patrocínios como consequência do registro.

“O que a gente sabe o que veio a melhorar, também não sei até que ponto, até onde chega essa melhoria, [...] no meu ponto de vista é mais isso, é uma divulgação maior desse evento. E a partir daí surgem patrocínios, vem outras melhorias através desse registro.” (Maria Aparecida, entrevista realizada pela autora em 26 de setembro de 2018).

Sobre os impactos e mudanças é possível perceber que todos consideram que existe mais segurança, tanto para os participantes, quanto para os carregadores. Os entrevistados relataram que o registro promoveu mudanças como, por exemplo, o impedimento da passagem de carros com paredões de som na Rua do Video e suas adjacências, pois isso atrapalhava a comunicação do capitão durante o cortejo com os carregadores. Hoje, durante o cortejo, policiais e uma faixa de isolamento acompanham o mastro até o local do hasteamento, de forma que os participantes possam se aproximar apenas a partir do momento em que este é lançado ao chão, ou seja, no momento de descanso dos carregadores. Além disso, foi relatado pelos entrevistados que o evento está mais organizado.

Dessa forma, segundo uma das entrevistadas, existe mais cuidado no que diz respeito a questão da sustentabilidade, no que se refere a escolha e corte da árvore, mas também não obtivemos um relato mais preciso, de quais são as diferenças de como eram feitos esses procedimentos de escolha e corte, bem como um possível reflorestamento, e de como passou a ser feito após o registro.

De acordo com os depoentes, a festa está mais organizada e ornamentada. Outro ponto bastante mencionado foi a divulgação, a partir do registro. Segundo os informantes, isso influenciou diretamente nas propostas de patrocínio. Esses são importantes, na medida em que ampliam os investimentos e infraestrutura. Outro fator apontado foi a maior divulgação e o maior número de eventos e pesquisas acadêmicas, duas pessoas abordam a questão, pois perceberam um aumento de pesquisadores e eventos na cidade em busca de compreender e debater a respeito da Festa do Pau da Bandeira.

Também percebemos algumas sugestões de alguns entrevistados, é o caso da educação patrimonial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada, compreendemos que a Festa do Pau da Bandeira, de Santo Antônio, em Barbalha, funciona como uma representação religiosa e cultural da região do Cariri, sendo ainda mais admirada e valorizada pelos cidadãos dessa cidade e por todos que participam. Para alguns, o registro de patrimônio cultural brasileiro, título concedido pelo IPHAN, veio favorecer o que a população já reconhece como seu patrimônio e sua identidade cultural. Para outros, o registro corrobora com o objetivo de que a festa seja reconhecida em todo o país.

A partir do estudo da bibliografia sobre Museologia, é possível identificar que a corrente da Museologia “tradicional” se preocupava com a seleção, estudo, restauração, conservação e exposição de patrimônios materiais dentro da instituição do museu. Ao longo dos anos, as discussões museológicas apontaram para uma nova vertente que considera também os bens imateriais e naturais, focando na abordagem social. O trabalho teve como propósito abordar a Museologia Social, mais especificamente o patrimônio imaterial.

A partir de toda discussão a respeito do patrimônio imaterial é perceptível que este demanda orientações e diretrizes diferenciadas do patrimônio material. Sabemos que a proposta do registro de salvaguarda de um bem imaterial não é para “engessar” e tornar estático, mas sim para acompanhar através da pesquisa, desde o seu processo de criação até as suas atualizações incorporadas ao longo de suas edições. Tem como objetivo salvaguardar e promover a visibilidade em nível nacional através da pesquisa, promoção e recomendações de manutenção e cuidados, por setores responsáveis com o bem, visando legitimar e fornecer meios de perpetuação, sem interferir na sua dinâmica e atualizações.

Constatamos também que algumas dessas recomendações e mecanismos de proteção foram percebidas pelos entrevistados, em setores como a segurança em relação ao cortejo e a festa em geral, principalmente quando se trata do carregamento do mastro, como mencionado no decorrer deste trabalho. Percebe-se

que ocorreram várias mudanças, a exemplo da presença de policiais e faixas de isolamento durante todo o percurso, para evitar que pessoas aleatórias entrem em contato com o mastro sem que esse esteja devidamente em estado de segurança, ou seja, quando já está posto no chão no período em que os carregadores descansam. Outra questão apontada é que os carros equipados com som de alta potência prejudicavam a comunicação entre o capitão e os carregadores. Atualmente esses não podem mais ficar na Rua do Video e em ruas adjacentes.

Outro aspecto percebido foi a visibilidade e repercussão que o registro provocou na festa. É perceptível que o novo status reverberou como algo muito importante para a comunidade, aumentando a noção de pertencimento da comunidade com a manifestação, pois, através dos relatos, eles se sentiram prestigiados com o reconhecimento de um órgão de nível federal em relação a essa cultura e tradição local e, conseqüentemente, a festa pôde ganhar mais visibilidade a nível nacional, resultando em possibilidades de patrocínios, políticas públicas, cuidados e mais divulgação.

Também constatamos que essa repercussão fomentou o número de eventos acadêmicos, na própria cidade de Barbalha. Como exemplo, citamos o Simpósio de Patrimônio e práticas culturais, que teve como tema de sua primeira edição, em 2017, a festa de Santo Antônio, promovido através da Escola de Saberes de Barbalha. A Prefeitura Municipal, com o intuito de reunir os pesquisadores da área e também a população para debates acerca do tema, promoveu esse simpósio, que tem edição anual, objetivando fomentar as discussões a respeito da cultura e do patrimônio na cidade. Artigos e trabalhos de conclusão de curso, como monografias e dissertações, também foram intensificados para compreender essa manifestação.

Esta pesquisa pretendeu contribuir com as reflexões a respeito da Museologia Contemporânea, patrimônio cultural e políticas públicas de fomento e proteção da cultura no Brasil, tendo em vista as discussões sobre patrimônio imaterial, suas relações com as comunidades e as implicações e mudanças produzidas a partir do registro de um bem cultural pelo órgão oficial de proteção no Brasil.

Finalmente, consideramos que o tema abordado pode contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre a cultura e o patrimônio da região do Cariri cearense, principalmente no âmbito da Museologia Social.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Dez anos da Convenção do Patrimônio Cultural Imaterial: Ressonâncias, apropriações, vigilâncias. **E-cadernos ces [Online]**, 21, 2014. Disponível em: <http://eces.revues.org/1742>.

_____. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. *In*: ABREU, R. e CHAGAS, M. (Orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro, Lamparina, 2009.

ALBUQUERQUE, Cláudia. Nova Olinda celebra o Museu do Couro. **Cariri Revista**. Juazeiro do Norte. 26 outubro 2015. Disponível em: <http://caririrevista.com.br/nova-olinda-celebra-o-museu-do-couro/>. Acesso em: 12 nov. 2018.

ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira; SOUZA, Océlio Teixeira de.; BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. Festa de Santo Antônio de Barbalha: patrimônio de fé, devoção e carnavalização. *In*: SOARES, I. de M.; SILVA, I. B. M. da. **Sentidos e devoção: festa e carregamento em Barbalha**: IPHAN, p. 44 - 79, 2013.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira significados de festejar, no país que “não é sério”**. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ARAÚJO, Iara Maria de. **Os novos espaços produtivos: relações sociais e vida econômica no Cariri cearense**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2008.

BARROSO, Oswald. **Reisado: Um Patrimônio da Humanidade**. Juazeiro do Norte: Banco do Nordeste, 2008.

BELLAIGUE, Mathilde. Metodologia da Museologia. **Conferência no V Fórum de Museologia do Nordeste**. Salvador, 1992. Mimeografado.

BRASIL. Constituição Federal de 05 de outubro de 1998. Artigos 215 e 216. Disponível em: http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp.

BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 3. ed. Brasília, DF: IPHAN, 2012.

BRASIL. Decreto lei nº 25, 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Presidência da República, Rio de Janeiro/DF, 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Estudos de Cultura Material e Coleções Museológicas: Avanços, retrocessos e desafios. In: Marcus Granato e Marcio R. Rangel. (Org.). **Cultura Material e patrimônio da Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e ciências afins-MAST, 2009, v.1, p. 14-25.

BRUNO, M. C. O. (Coord.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional, São Paulo: Pinacoteca do Estado, v. 1, 2010.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. MUSEOLOGIA E MUSEUS: OS INEVITÁVEIS CAMINHOS ENTRELACADOS. **Cadernos de Sociomuseologia**, [s.l.], n. 25, june 2009.

CEARÁ. Casa Civil. **Lei Complementar nº 78, de 26 de junho de 2009**. Dispõe sobre a criação da Região Metropolitana do Cariri, cria o Conselho de desenvolvimento e Integração e o fundo de Desenvolvimento e integração da Região Metropolitana do Cariri – FDMC, altera a composição de Microrregiões do Estado do Ceará e dá outras providências. Fortaleza: DOE publicado em 03 de julho de 2009. Série 3, Ano I, n. 121. Caderno 1/2.

CEARÁ EM MAPAS. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. Secretaria de Planejamento e Gestão. **Regiões de Planejamento do Estado do Ceará**. Fortaleza, 2007. 1 mapa, color. Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/122.htm>.

_____. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. Secretaria de Planejamento e Gestão. **Mapa da Região Metropolitana do Cariri**. Fortaleza, 2007. 1 mapa, color.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR. **Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira**. Rio de Janeiro: IPHAN/MinC. 2004. 1 CD. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/>.

CERAVOLO, Suely Morais. Delineamentos para uma teoria da Museologia. Na. Mus. Paul. Vol. 12, n. 1, p. 237-268, 2004.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, dez. 1995. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144>. Acesso em: 12 nov. 2018.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CURY, Marília Xavier. Museologia – Marcos referenciais. **Cadernos do CEOM - Chapecó**: Argos, n. 21, p.45-74, 2005. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/153>. Acesso em: 4 de junho de 2017.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave da Museologia**. Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria do Estado de São Paulo. São Paulo, 2013.

FESTA do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha. **Dossiê de Registro**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, Fortaleza, 2015.

Estátua do Padre Cícero na colina do Horto. **[Sem título]** 17 jul. 2019. 1 fotografia, color. Disponível em: <https://caririrevista.com.br/livro-em-comemoracao-aos-50-anos-da-estatua-do-padre-cicero-do-horto-sera-lancado-em-juazeiro/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro, 2007. **Coleção Museu, memória e cidadania**.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In JANCSÓ, István e KANTOR, Iris (org) **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2001, v. II, p. 969-975. (Coleção Estante USP – Brasil 500 anos, v. 3).

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Museologia e Identidade. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Coord.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. Vol 1. São Paulo: ICOM/Governo de São Paulo/Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010.

_____. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. **Cadernos Museológicos**, v. 3, p. 7-12, 1990.

Histórico da Fundação. Fundação casa grande, Memorial do homem Kariri (200-?). Disponível em: <http://www.fundacaocasagrande.org.br/principal.php> Acesso em:

Histórico do Museu de paleontologia.(200-?). Disponível em: <https://www.museudepaleontologiaplacidocidadenuvens.com/sobre>

HOLANDA, Marina. Aplicativo rastreia Pau da Bandeira na festa de Sto. Antônio, em Barbalha. **G1 CE**. Fortaleza. 28 maio 2015. Disponível em: <http://glo.bo/1HOC3Uu>. Acesso em: 12/11/2018.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2017. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=230190&idtema=16&search=ceara|barbalha|sintese-das-informacoes> Brasil. Acesso em: 1 de mai. de 2017.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 7, p. 31-50, 2012.

LIMA VERDE, Rosiane. **Acervo Lítico e cerâmico da chapada do araripe**. Nova Olinda, 2006.

_____. **Arqueologia social inclusiva: a Fundação casa grande e a gestão do patrimônio cultural da chapada do Araripe**. 2015. 474 p. Tese (Doutorado em arqueologia) Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.

_____. Uma experiência inclusiva e formadora de crianças e jovens.

Cadernos Cenpec | Nova série, [s.l.], v. 5, n. 7, jan. 2010. ISSN 2237-9983.

Disponível em:

<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/58> Acesso em: 12 nov. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIANA, Albanese. Memorial Patativa do Assaré. **Visiste Assaré**. 2013.

Disponível em: <https://visiteassare.wordpress.com/2013/11/19/memorial-patativa-do-assare/>.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. **Festa de Santo Antônio de Barbalha - Ceará: sagrado e profano em circularidades de significados**. In: SOARES, I. de M.; SILVA, I. B. M. da. *Sentidos e devoção: festa e carregamento em Barbalha: iphan*, p. 44 - 79, 2013.

MEIRELES, M. R. G.; CENDÓN, B. V. Aplicação prática dos processos de análise de conteúdo e de análise de citações em artigos relacionados às redes neurais artificiais. **Informação & Informação**, v. 15, n. 2, p. 76-92, 2010.

MENSCH, Peter Van; POW, Piet J. M.; SCHOUTEN, Frans F. J. Metodologia da museologia. Traduzido por Elizabeth Carbone Baez. Texto apresentado no Colloquium ICTOP/ICOFOM, Londres, 1983.

MENSCH, Peter Van. O objeto de estudo da museologia; tradução: Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNI-RIO/UGF, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

NUNES, João Paulo Cabral de Almeida Avelãs. Patrimônio cultural, museus e desenvolvimento: conceitos teóricos, políticas públicas e "sociedades civil". In: **Patrimônio e Museus na contemporaneidade**. Salvador, EDUFBA, p. 27-52, 2016.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo, Brasiliense, 2008.

POMIAN, K. Coleção. In: **ENCICLOPÉDIA Einaudi**. Memória - História. Porto; Imp. Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costume**. Coedição Secult/URCA. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

RIBEIRO, Gabriel. **O que é e como funciona o Tinder?**. 2015. Techtudo. Disponível em: <https://glo.bo/2RFq1EM>.

Romeiros. **Os romeiros do Padre Cícero e da Mãe das Dores se despediram “do Juazeiro”**. 02 nov. 2017. 1 fotografia, color. Disponível em: <https://maedasdoresjuazeiro.com/postagens/os-romeiros-do-padre-cicero-e-da-mae-das-dores-se-despediram--do-juazeiro->. Acesso em: 09 jan. 2020.

Santo Antônio. **[sem título]** [s/d]. 1 imagem, color. Disponível em: <https://www.calendarr.com/brasil/dia-de-santo-antonio/>. Acesso em: 09 jan. 2020.

STRANSKY, Zbyneck. Para uma definição de uma teoria de museus. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n. 3, p.79-84, 1990.

SCHREINER, Klaus. Discussão sobre o lugar da museologia no sistema das ciências. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n.3, p.67-72,1990.

SOARES, Sauamy Rafaely. A experiência militante da frente de mulheres dos movimentos do Cariri: as vozes que se insurgiram em um Cariri que odeia as mulheres. **Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Evento realizado no período de 30 de julho a 04 de agosto de 2017. ISSN 2179-510X [recurso eletrônico] : 13th. Women's Worlds Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares#A>.

SOBRINHO, Pompeu. As origens dos Índios Carirís. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, Ceará, 1950. Disponível em: http://biblio.etnolinguistica.org/pompeu_1950_origens. Acesso em: 07/03/2017.

SOUZA, Océlio Teixeira de. **A festa do pau da bandeira de santo Antônio de Barbalha: entre o controle e a autonomia**. Dissertação (Mestrado em história) Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fortaleza, 2000.

UNESCO. Constituição da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura. Londres, 1945.

_____. Convenção Para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Paris, 2003.

_____. Convenção para proteção do patrimônio mundial, cultural e natural. Paris, 1972.

VAINFAS, Ronaldo. **Santo Antônio na América Portuguesa: religiosidade e política.** In: Revista USP, São Paulo, n 57, p. 28-37, março/maio 2003.

VIANNA, Letícia C. R. **Patrimônio Imaterial.** In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural.* 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

APÊNDICE A – Modelo do roteiro de entrevista



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

Prezado (a), este formulário faz parte da pesquisa de mestrado intitulado: “MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO IMATERIAL: reflexos do registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha/CE como patrimônio cultural”, no qual buscamos compreender sua opinião a respeito do registro do patrimônio imaterial nacional da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha/CE.

1 – Nome

2 – Escolaridade

3 – Profissão

4 – Endereço

5 – Qual a sua relação com a festa do pau da bandeira?

6 – Há quanto tempo você participa da festa?

7 – O que a festa do pau da bandeira significa para você?

8 – Para você, o que significa o registro da festa como patrimônio cultural nacional?

9 – Em sua opinião, quais impactos e/ou interferências o registro teve em relação ao festejo?

ANEXO A – Termo de Autorização de uso de imagens e depoimentos



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, CPF _____, RG _____,

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora: Thaís Pereira da Silva, do projeto de pesquisa intitulado “MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO IMATERIAL: reflexos do registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha/CE como patrimônio cultural” a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Barbalha- CE, ___ de _____ de _____

 Participante da pesquisa

 Pesquisador responsável pelo projeto

Impressão do dedo polegar caso não saiba assinar.

